

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ – CEST
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ÁLEM DA SILVA COELHO

**NAS TRINCHEIRAS DO LÁTEX: SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS TRÓPICOS E
A BATALHA DA BORRACHA (1939 – 1945)**

TEFÉ – AM

2019

ÁLEM DA SILVA COELHO

**NAS TRINCHEIRAS DO LÁTEX: SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS TRÓPICOS E
A BATALHA DA BORRACHA (1939 – 1945)**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em
História para obtenção do título de Licenciatura em
História da Universidade do Estado do Amazonas –
UEA, no Centro de Estudos Superiores de Tefé –
CEST.

Professor Orientador: Luciano Everton Costa Teles

TEFÉ - AM

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

COELHO, Além da Silva.

NAS TRINCHEIRAS DO LÁTEX: SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS TRÓPICOS E A BATALHA DA BORRACHA (1939 – 1945). / ÁLEM DA SILVA COELHO. TEFÉ – AM 2019.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Everton Costa Teles.

Monografia apresentada como trabalho de conclusão de curso – Universidade do Estado do Amazonas.

Licenciatura em História

ÁLEM DA SILVA COELHO

**NAS TRINCHEIRAS DO LÁTEX: SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS TRÓPICOS E
A BATALHA DA BORRACHA (1939 – 1945)**

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em História da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Orientador Dr. Luciano Everton Costa Teles

Prof. Msc. Ademar Henriques Filho

Prof. Msc. Jubrael Mesquista da Silva

Tefé, 13 de Dezembro de 2019

Aos meus pais, Lucimar Correa da Silva e Jose Minerval Bezerra Coelho, irmãos, sobrinhos e a futura geração da minha família que ainda virá, para que tenham orgulho de suas origens e tornem-se dignas da herança de seus antepassados, mas, para que, principalmente, lembrem que o ser humano é o construtor de sua própria história.

AGRADECIMENTOS

É impossível agradecer a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização deste trabalho. Agradeço à DEUS, guia primordial de todos os nossos caminhos.

Meu primeiro agradecimento é direcionado ao professor Dr. Luciano Everton Costa Teles, orientador que acreditou neste trabalho, pelas dicas e sugestões importantes, além da tolerância e paciência.

Aos meus colegas de curso, pela companhia durante as breves conversas nos intervalos das aulas ou nos encontros fora da universidade que sempre eram uma diversão. Quero registrar principalmente meu agradecimento aos meus amigos: Adriano, Ronilso, Salatiel e Keane.

Agradeço aos amigos que ganhei na casa do estudante ao decorrer da minha trajetória na casa, Abraão, Andrielle, Careu, Dida, Gizela, Luiz, Maíra e Helynton Silas.

Não poderia deixar de registrar os meus agradecimentos aos familiares que perdi durante a minha graduação como minha avó Maria Anália, meu pai (avô) Joaquim Matos e meu primo Renato deixaram um grande vazio na família e aos amigos Carlos Alberto, Walmir e Wandrew Nafran que partiram, mas sempre deixavam o ambiente leve e gostoso com as brincadeiras e aos colegas de curso: Emidio e Hildes pelas conversas durante o curso.

Aos meus sobrinhos: Breno William, Vitória, Walentyanna, que através de suas brincadeiras, carinho e amor, renovaram minhas energias, assim dando-me força pra não fraquejar e ao pequeno Arthur que acaba de nascer trazendo-me uma felicidade inexplicável e sem deixar de mencionar a minha linda sobrinha Ana Júlia que nos próximos meses virá a este mundo para aumentar e encher ainda mais a família de amor e felicidade.

Agradeço a meus irmãos e irmãs: Alex, Acássio, Rafael, Andressa e Jeniffer, pelos auxílios prestados na superação dos obstáculos tanto na vida pessoal quanto acadêmica.

Por fim, quero dedicar um agradecimento especial à minha mãe Lucimar, pelo incentivo constante que sem ela não teria concluído esta longa jornada acadêmica, ao meu pai Minerval, por todo seu esforço e sacrifício durante toda a minha caminhada nos estudos.

O estudo do passado, longe de ser operação saudosista, modo de legitimar as estruturas vigentes, ou simples verificação, pode ser uma arma para abrir caminho aos grandes movimentos democráticos integrais, isto é, os que contam com a iniciativa do povo trabalhador e não o confiam ao papel de massa de manobra, como é uso.

Antônio Candido, 1997

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender como se deu o processo de exploração econômica da borracha na região amazônica, em especial a “Batalha da Borracha” e a emergência dos “Soldados da Borracha”. Percebemos que o governo criou um discurso de guerra e a batalha dentro dos seringais, ganhou uma grande importância na comoção no país, para que os esforços de guerra sempre fossem ganhando força entre a população, de que cortar seringa fosse indispensável para se ganhar a guerra. Isso gerou uma inquietação sobretudo para entender essa ideia da “Batalha da Borracha” e dos “Soldados da Borracha”. O trabalho mostra também que o governo criou a “Batalha da Borracha” com o intuito de promover a mobilização, o recrutamento e o deslocamento de nordestinos para a Amazônia, esses homens já vinham como “Soldados da Borracha” e para trabalhar no front de guerra nos seringais para extrair o látex. A metodologia utilizada no trabalho foi uma pesquisa bibliográfica, por meio de análise de autores que trabalham exclusivamente com os processos do extrativismo do látex na Amazônia. Este trabalho mostrou que no contexto da Grande Guerra, o governo brasileiro produziu um discurso de guerra voltado para a economia do látex, onde o seringal passou a ser encarado com front de guerra e aqueles que extraíam o látex como “Soldados da Borracha” nessa guerra. O que remete a articulação criada e existente entre o governo brasileiro e o EUA, nesse contexto de guerra. Além disso esta pesquisa procurou mostrar também que com o término da Segunda Guerra Mundial, os americanos após recuperar os seringais da Ásia, perderam o interesse no seringais amazônicos, que conseqüente causou no abandono dos “Soldados da Borracha”, que foram deixados à própria sorte nos seringais e que não tiveram reconhecimento pelos seus esforços de guerra e nem seus direitos reconhecidos.

Palavras-chave: Batalha da Borracha, Soldados da Borracha, Segunda Guerra Mundial e Amazônia.

ABSTRACT

This paper aims to understand how the process of economic exploitation of rubber occurred in the Amazon region, in particular the “Battle of Rubber” and the emergence of “Rubber Soldiers”. We realized that the government created a war speech and the battle inside the rubber plantations gained a great importance in the commotion in the country, so that the war efforts were always gaining strength among the population, that cutting the syringe was indispensable to win the war. This created a particular concern to understand this idea of the “Battle of Rubber” and “Rubber Soldiers”. The work also shows that the government created the “Rubber Battle” in order to promote the mobilization, recruitment and displacement of Northeasterners to the Amazon, these men were already coming as “Rubber Soldiers” and to work on the war front in the rubber tree to extract the latex. The methodology used in this work was a bibliographical research, through the analysis of authors who work exclusively with the processes of latex extraction in the Amazon. This work showed that in the context of the Great War, the Brazilian government produced a war speech focused on the latex economy, where the rubber tree came to be faced with a war front and those who extracted the latex as “Rubber Soldiers” in that war. Which refers to the articulation created and existing between the Brazilian government and the USA, in this context of war. Moreover this research also sought to show that with the end of World War II, the Americans after recovering the rubber plantations of Asia, lost interest in the Amazonian rubber plantations, which consequently caused the abandonment of the “Rubber Soldiers”, who were left to their own devices rubber plantations and who were not recognized for their war efforts and their recognized rights.

Keywords: Battle of Rubber, Rubber Soldiers, World War II and Amazon.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Acervo: Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará	41
Figura 2 - Acervo: Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará	41
Figura 3 - Acervo: Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará	42
Figura 4 - Jean Pierre Chabloz – Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará	43
Figura 5 - Acervo: Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACA – Associação Comercial do Amazonas

BCB – Banco de Crédito da Borracha

CAETA – Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para Amazônia

CCAW – Comissão de Controle dos Acordos de Washington

DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda

DNI – Departamento Nacional de Imigração

FEB – Força Expedicionária Brasileira

FUNRURAL – Fundo de Assistência e Previdência do Trabalhador Rural

SAVA – Superintendência de Abastecimento do Vale Amazônico

SEMTA – Serviço Espacial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia

SESP – Serviço Especial de Saúde Pública

SNAPP – Serviço de Navegação e Administração dos Portos do Pará

RDC – Rubber Development Corporation

RRC – Rubber Reserve Company

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPITULO 1 - CONTEXTO HISTÓRICO: A BATALHA DA BORRACHA.....	15
1. A EXPLORAÇÃO DA BORRACHA: EXPANSÃO E DECADÊNCIA.....	15
2. A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A PRODUÇÃO DE BORRACHA ASIÁTICA	22
3. A REATIVAÇÃO DOS SERINGAIS DA DÉCADA DE 1940.	26
CAPITULO 2 - NOS SERINGAIS O ESFORÇO DE GUERRA	33
1. A ESTRUTURA MONTADA PARA A REATIVAÇÃO DOS SERINGAIS.....	33
2. O COTIDIANO DA BATALHA NOS SERINGAIS: OS SOLDADOS DA BORRACHA.....	37
3. E ENCERRA-SE A BATALHA DA BORRACHA.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema surgiu quando nos deparamos, na disciplina de Amazônia 3, com a economia da borracha, em especial no contexto do entre guerras. Ao ler os textos para produzir este trabalho, como Antônio Loureiro “Síntese da História do Amazonas em 1978”, destacou que a última década do século XIX “foi o marco da transformação de Manaus em cidade moderna. Edinea Mascarenhas, em *A Ilusão do Fausto – Manaus (1890-1920)*, analisou como o período de fausto da borracha interferiu na transformação do espaço urbano em Manaus, demonstrou também como funcionou a política de organização e disposição do espaço físico e seus mecanismos de controle e dominação dirigida aos trabalhadores. Bárbara Weinstein “*A borracha na Amazônia: expansão e decadência 1850-1920*”, fala sobre o início do extrativismo da borracha e sua exportação se instalava em Manaus e Belém, após a entrada da produção de borracha asiática, a economia gumífera da Amazônia entrou em colapso.

Percebemos que o governo foi criando todo um discurso de guerra e a batalha dentro dos seringais, foi ganhando uma importância na comoção no país, para que os esforços de guerra sempre fossem ganhando força entre a população, de que cortar seringa fosse indispensável para se ganhar a guerra. Isso gerou uma inquietação sobretudo para entender essa ideia da “Batalha da Borracha” e dos “Soldados da Borracha”. O governo brasileiro sempre se organizou em propagandas para povoar as terras da região amazônica, mas foi devido as grandes secas que o nordeste sempre passou que o governo federal investia suas campanhas, sobretudo com a explosão da Segunda Guerra Mundial, as campanhas de arregimentação do governo surtiram efeitos, milhares de nordestinos escolheram vim para a Amazônia cortar seringa em busca de uma vida melhor e de fortuna fácil, já que nos cartazes de arregimentação sempre se via muitas seringueiras jorrando látex.

Tem-se como objetivo geral, neste estudo, compreender como se deu o processo de exploração econômica da borracha na região amazônica, em especial a “Batalha da Borracha” e a emergência dos “Soldados da Borracha”. Este trabalho tem como objetivo específico, analisar a inserção da Amazônia no mercado mundial. Objetiva-se entender o contexto mundial que contribuiu para a retomada da produção da borracha nos seringais, após a decadência da década de 1920. Além disso, tem como objetivo discorrer sobre o contexto da “Batalha da Borracha” e dos “Soldados da Borracha”, sublinhando os elementos presentes neste processo de exploração econômica da região amazônica. ‘

O primeiro capítulo, de caráter contextualizador, tem como proposta apresentar o fascínio que a borracha causou no mundo moderno e a consequente necessidade que a indústria passou a ter após a descoberta do processo de vulcanização. Nele buscou-se abordar a procura internacional e a consequente valorização da borracha que assumiu uma grande importância na economia amazônica, com isso grandes cidades da região, como Manaus e Belém, sofreram intervenções em seus espaços urbanos, como embelezamento, transformações sociais e culturais, mas no final do século XIX com o contrabando de sementes da *Hevea brasiliensis* pelos ingleses, acarretaria em uma crise alguns anos depois. Com a entrada da produção de borracha asiática no mercado mundial, houve uma crise na economia da Amazônia, já que os ingleses investiram em tecnologias para plantar e cultivar a seringa, com isso tiveram menos gastos e entregavam no fim uma borracha limpa e mais barata, gerando, assim um colapso na economia da região. O capítulo finaliza abordando a reativação dos seringais da década de 40, que após a crise da borracha no final do século XIX, em decorrência da produção no Oriente, mas que com a grande guerra ocorrendo na Europa, o ataque japonês a base americana de Pearl Harbor e o domínio dos mesmos sobre os seringais asiáticos, os olhos se voltam novamente para a região amazônica, com a assinatura dos Acordos de Washington entre o governo americano e brasileiro que o país se responsabilizaria em produzir o látex necessário para as indústrias bélicas.

O segundo capítulo, fala dos esforços de guerra que o governo criou para montar a estrutura para reativar novamente os seringais que estavam abandonados desde o primeiro “boom” da borracha, esses esforços vieram com os Acordos de Washington, que o governo americano iria investir na siderúrgica em Volta Redonda em troca dos esforços de guerra do país em fornecer a borracha necessária para os aliados. Mostra também que o governo criou a “Batalha da Borracha” com o intuito de promover a mobilização, o recrutamento e o deslocamento de nordestinos para a Amazônia, esses homens já vinham como “Soldados da Borracha” e para trabalhar no front de guerra nos seringais para extrair o látex. Por fim, buscou mostrar que com o término da Segunda Guerra Mundial, os americanos após recuperar os seringais da Ásia, perderam o interesse no seringais amazônicos, que consequente causou no abandono dos “Soldados da Borracha”, que foram deixados à própria sorte nos seringais e que não tiveram reconhecimento pelos seus esforços de guerra e nem seus direitos reconhecidos.

CAPITULO 1 - CONTEXTO HISTÓRICO: A BATALHA DA BORRACHA

1. A EXPLORAÇÃO DA BORRACHA: EXPANSÃO E DECADÊNCIA.

Não podemos falar da expansão da borracha sem antes ressaltar de forma superficial que desde o princípio da colonização do Brasil pelos portugueses coube ao país fornecer matérias-primas e gêneros tropicais para a comercialização na Europa. A Amazônia até a segunda metade do século XVIII, exportava produtos naturais de sua floresta e a economia esteve ligada a coleta das “drogas do sertão”, vegetais extraído do meio natural e aproveitados no comércio, tais como: canela, cravo, baunilha, pimenta, salsaparrilha, urucum, utilizados para a conservação de alimentos na culinária, além de sementes oleaginosas (andioba, copaíba), raízes aromáticas, castanha, cacau, madeiras e etc.

O ciclo da borracha foi um movimento da história econômica e social do Brasil, relacionado com a extração do látex da seringueira e comercialização da borracha. Teve seu centro na região amazônica, e proporcionou expansão da colonização, atração de riqueza, transformações culturais, sociais, arquitetônicas e contribuiu para um grande impulso no crescimento das cidades na Amazônia, como Manaus, Porto Velho e Belém.

A borracha era um produto de intensa procura nos Estados Unidos e na Europa aplicado de forma industrial a partir de 1841 graças à descoberta do processo de vulcanização feita por Charles Goodyear que aperfeiçoou a goma elástica, que se tornou resistente ao calor e o frio, assim utilizada na confecção de uma grande variedade de objetos, principalmente em pneus de bicicletas e automóveis.

Weinstein (1993, p. 22) afirma:

Apesar de suas qualidades singulares e fascinantes, a borracha bruta continuava a demonstrar um defeito muito grave, que limitava seriamente sua utilização, tanto em bens industriais como em bens de consumo: sua alta sensibilidade a mudanças de temperatura. Botas de borracha, por exemplo, ficariam duras como pedra, no inverno, e grudentas como piche, no verão.

Dessa forma, a indústria do setor obteve uma destacada relevância na economia mundial, voltando o seu olhar para a Amazônia, habitat natural, da *Hevea brasiliensis* nome científico da seringueira de onde se extraía um leite, o látex que após ser defumado transformava-se em bolas de borracha.

Diante da procura internacional e de sua conseqüente valorização, a borracha assumiu uma importância considerável na economia amazônica, deslocando toda força de trabalho para a sua exploração, alterando de forma significativa as estruturas políticas, econômicas, sociais e

culturais da região. Visando, enfim, atender as necessidades do capital internacional que tem entre suas características a exigência de transformar os lugares onde penetra, para que a antiga paisagem dê lugar a uma nova paisagem, altamente desenvolvida, diferenciada e dinâmica.

As principais cidades amazônicas, como Manaus e Belém, sofreram intervenções em seus espaços urbanos impostas por esse novo momento econômico. As cidades cresceram em função dos processos diferenciados, a borracha propiciou o processo de modernização dessas capitais, dando a elas, uma nova função, a de centro exportador e importador do comércio internacional. Neste contexto era necessário transformá-las em cidades burguesas: modernas, belas, assépticas, ordeiras e civilizadas.

Manaus, foi planejada e construída para atender a uma demanda do capital internacional. A modernidade traria um novo estilo de vida e grandes transformações, não só materiais, como também espirituais e culturais. Segundo Dias (2007, p. 29):

A modernidade em Manaus não substituiu a madeira pelo ferro, o barro pela alvenaria, a palha pela telha, o igarapé pela avenida, a carroça pelos bondes elétricos, a iluminação a gás pela luz elétrica, mas também transforma a paisagem natural, destrói antigos costumes e tradições, civiliza índios transformando-os em trabalhadores urbanos, dinamiza o comércio, expande a navegação, desenvolve a imigração. É a modernidade que chega ao porto de lenha, com sua visão transformadora, arrasando com o atrasado e feio, e construindo o moderno e belo.

Manaus foi pensada para afastar da vitrine urbana, os mais desfavorecidos. A cidade civilizada não pode atender a todos, por isso a criação das leis restritivas para os mendigos, ambulantes, boleiros, cocheiros e etc. Dias (2007, p. 34) afirma:

A borracha propiciou a Manaus o alargamento de seu espaço e a redefinição de sua organização. Pela cidade transitavam milhares de toneladas do produto para a exportação, vindas dos mais distantes seringais da região amazônica, e circulavam variados tipos de mercadorias e pessoas. A capital do látex adquire nova fisionomia, corrigem-se acidentes de terrenos, organiza-se o diagrama de nivelamento da cidade, a fim de estabelecer normas aos novos projetos de construção: aterram-se igarapés, estes muitas vezes usados como via de comunicação, fonte de abastecimento d'água e local de lazer.

Os igarapés, eram fontes de abastecimentos d'água, serviam como via de comunicação e local de lazer dos moradores. A capital do Amazonas precisa mostrar-se digna da nova função de centro exportador e importador ligado ao comércio internacional.

Nesse processo de expansão cabe salientar dois elementos essenciais para a cadeia comercial vigente na Amazônia: a implantação de uma rede para viabilizar a comercialização da borracha e o desenvolvimento de uma infra-estrutura visando o escoamento do produto. No

processo de comercialização dos produtos o papel das casas aviadoras é de fundamental importância. Em relação ao primeiro elemento, o destaque fica centralizado na atuação das casas aviadoras que teve o papel importante na comercialização dos produtos. Estes estabelecimentos exerciam a função de financiar e comercializar a borracha, além de negociarem com as casas importadoras, as mercadorias que seriam transferidas inicialmente para o pequeno comerciante do vilarejo, depois ao regatão, ao seringalista e finalmente ao seringueiro.

Segundo Bárbara Weinstein (1993, p.33-34):

A casa aviadora era o elo mais importante da cadeia comercial da Amazônia, em termos tanto de sua posição central quanto de suas múltiplas funções. Conhecida também como “casa recebedora” da borracha (para distingui-la das verdadeiras exportadoras), era essa firma que decidia quando e a quem vender a borracha. E eram os grandes aviadores que negociavam, com as casas importadoras, as mercadorias a ser, a seguir, passadas ao negociante do vilarejo, ao “regatão”, ao seringalista e, finalmente, ao seringueiro. Era também a casa aviadora que providenciava o transporte e a distribuição dos retirantes que fugiam da seca do Nordeste para trabalhar nos seringais, e que atuava como representante legal e financeiro de seus clientes mais ricos residentes no interior.

A borracha entre os anos de 1901 e 1910 se torna o segundo produto de exportação do Brasil, somente atrás do café. Segundo Dias (2007) à medida que a borracha ganha maior espaço no movimento de expansão da economia agrário-exportadora, a partir do final do século XIX, Manaus adquire nova fisionomia, com grandes oportunidades de investimentos que vão se concretizar na expansão da atividade comercial.

Teles (2011, p. 32-33) afirma:

Como a borracha se mostrou um empreendimento rendoso, o capital estrangeiro passou a atuar na região com objetivo de viabilizar a exploração do produto, contribuindo desta forma não só para a reconstrução/revitalização da cadeia comercial desenvolvida na Amazônia, ancorada no sistema de aviamento, como também para a construção, na cidade de Manaus, de uma infraestrutura que possibilitasse o escoamento do produto.

A infra-estrutura implantada em Manaus complementava a cadeia comercial. Sua funcionalidade era de grande relevância, porque tornava possível o escoamento da borracha enviada do interior para ser comercializada na cidade. Facilitava, portanto, a circulação de capitais, de mercadorias e de pessoas. Para isso, as firmas inglesas gerenciavam os serviços urbanos como (transportes, limpeza pública, abastecimentos de água, luz elétrica e esgoto). O que proporcionou uma ampliação significativa do comércio local. Diversos estabelecimentos comercializavam produtos estrangeiros, contraditoriamente aos nacionais. Serviços variados

passaram a ser oferecidos pela cidade (hotéis, pensões, restaurantes, cafés, botequins, etc.), além de novas práticas de lazer e entretenimento.

No decorrer do processo de transformação de Manaus em capital da economia da borracha, a cidade é tomada por uma onda imigratória muito grande, não somente por brasileiros de outras regiões, mas também por estrangeiros de diversas partes do mundo em busca de riquezas e de diversos trabalhos.

Segundo Edinea Mascarenhas (2007, p. 35):

É no decorrer desse processo que a cidade passa a vivenciar a ampliação e remodelação de seu espaço, assim como o aumento de sua população. Se em 1852 Manaus contava com uma população de 8.500 habitantes, em 1890 tem sua população ampliada para 50.300, sendo o processo migratório o principal responsável por este crescimento populacional. O centro urbano se constitui como pólo de atração de pessoas das mais diversas nacionalidades: ingleses, alemães, portugueses, espanhóis, italianos, franceses, que se deslocam para cá. Manaus atrai, também, migrantes de vários Estados do País.

A infra-estrutura finalizava-se com a modernização do porto, um dos alvos privilegiados desse processo. Considerado ponte de ligação da cidade com o interior do Amazonas e com o mercado mundial, o porto teve sua estrutura física modernizada em vista da viabilidade de chegada e saída de mercadorias. A borracha vinda dos seringais, chegava ao porto de Manaus em navios a vapor, indo diretamente para os armazéns da casa aviadora responsável pelo seu transporte onde era inspecionada e separada de acordo com sua qualidade, depois era encaixotada e partia para os centros consumidores, ou seja, para a Europa e Estados Unidos.

Diante da realidade da modernização do porto em Manaus, através da tecnologia inglesa utilizada na construção e que era considerada sofisticada na época e que reordenou os espaços urbanos da cidade. No final do século XIX e início do XX, o poder público, aliado com as elites ligadas as atividades gumíferas iniciaram várias reformas no centro de Manaus, com o objetivo de modernizá-la, embelezá-la e adaptá-la aos olhos dos investidores estrangeiros. Benta Litaiff Praia (2010, p. 17-18) destaca:

No cenário transformado ficavam localizadas as grandes lojas de produtos importados, as casas aviadoras, os estabelecimentos bancários e os serviços necessários para o funcionamento da cidade, era o espaço onde as elites realizavam seus negócios e praticavam a sociabilidade. O espaço urbano foi construído para esse segmento social com hábitos e anseios inspirados nas elites europeias, particularmente na elite francesa, para qual Paris era a capital cultural do momento e paradigma de cidade moderna. (PRAIA 2010, p. 17-18)

O surto de modernidade em Manaus gerado pelo apogeu da borracha, viria abaixo com a entrada da borracha asiática e com o seu baixo preço. O período do fausto iniciado com o

extrativismo da borracha e sua exportação se instalava nas cidades de Belém e Manaus, produzindo um deslocamento de um conjunto significativo de pessoas de fora do país e das demais regiões brasileiras (sobretudo do Nordeste), acarretando no aumento da populacional tanto na capital Manaus quanto no interior do Amazonas. Antônio Loureiro (1978, p. 242) destaca:

A última década do século XIX, foi o marco da transformação de Manaus em cidade moderna. O afluxo de capitais, decorrentes do monopólio de produção da borracha pela Amazônia, propiciou uma mudança radical da fisionomia da cidade, a mais progressista do país.

A crise da borracha amazônica teve seu início nas últimas décadas do século XIX, quando foram retiradas, da Amazônia, sementes de seringueiras que iriam constituir uma grande plantação no continente asiático, o que acarretaria, anos mais tarde na desvalorização da borracha no mercado mundial, diminuindo a arrecadação de impostos nos Estados e Territórios da Amazônia e uma desestruturação da organização espacial da produção de borracha. Fato que aconteceu no início de 1876 e que surtiu efeito três décadas mais tarde, quando as sementes de seringas plantadas começaram a produzir o látex.

(...) 1876, Henry Alexander Wickman largava de Belém, a bordo do navio *Amazonas*, no dia 29 de maio de 1876, levando 70.000 sementes da *Hevea brasiliensis*, colhidas em Santarém e retiradas para o Jardim Botânico Kew Gardens, em Londres, das quais germinaram apenas 2.397. De Kew Gardens as pequenas plantas foram expedidas em agosto de 1876 para o Ceilão e distribuídas para os Jardins Botânicos de Peradenya e Heneratgoda para aclimação. No ano seguinte procedia-se a sementeira em Cingapura e daí para Perak no norte da Península e para os Estados Federados Malaios e Malaca em 1895 (NETO e NOGUEIRA, 2016, p. 11 apud; BENCHIMOL, 1999, p 208).

Depois de vinte anos de trabalho dedicado dos botânicos e empresários britânicos, as plantações de seringas na Ásia tinham enfim começado a produzir borracha em quantidades consideráveis. Weinstein (1993, p.246-247) afirma:

Progresso tão célebre ultrapassou até mesmo os mais arrebatados sonhos de Henry Wickham, o aventureiro britânico responsável pelo “furto de sementes” de 1876, que conduziu às primeiras experiências bem-sucedidas de cultivo da hévea no Jardim Botânico de Kew, na Inglaterra. O próprio Wickham estivera envolvido no negócio da borracha silvestre e sabia que qualquer aumento substancial de produção exigiria a exploração de seringais remotos e inacessíveis, bem como a arregimentação de trabalhadores a partir de uma população limitada [...].

O motivo do enfraquecimento da exportação da borracha amazônica, ocorreu por causa da concorrência com nações estrangeiras, visto que na mesma época a Inglaterra passou a investir nos seringais da Malásia e da África, mais precisamente no Ceilão.

Segundo Loureiro (1978, p. 243):

Em 1908 entrava pela primeira vez no mercado a borracha cultivada no Oriente, era o início da crise da borracha natural. Partindo de uma tonelada naquele ano, a produção cresceu para 4 toneladas em 1900, 21 toneladas em 1903, 510 toneladas em 1906, 1800 toneladas em 1908, 14.419 toneladas em 1911, 47.618 em 1913, 71.380 em 1914, 213.970 em 1917, 340.250 em 1919, 481.826 em 1925, 701.360 em 1932 e 999.852 em 1934.

A crise amazônica foi proporcionada por um fator externo: a entrada no mercado mundial de grande quantidade de borracha cultivada, provenientes das plantações asiáticas. A economia gumífera da Amazônia estava fadada ao esgotamento, em razão do processo produtivo da borracha ter sido adaptado às condições do meio ambiente, o que não permitiria o atendimento da crescente demanda do mercado mundial.

No final do século XIX, já surgiam os primeiros indícios da decadência econômica da borracha em Manaus, no qual veio à tona no início do século XX. A crise iniciada em 1910 afeta diretamente a região, até então grande produtora e fornecedora do produto. Fazendo com que as forças políticas locais tentassem perante o governo federal viabilizar economicamente uma saída para a crise.

A Amazônia perdera o seu monopólio, vez que não cuidara de cultivar a seringueira tornando rentável a sua produção. Apesar da desigualdade gritante dos níveis de produção, as populações amazônicas não sentiram a realidade, pois talvez desconhecêssem os dados de produção do Oriente e aguardassem uma melhoria de preços que jamais chegaria.

A borracha, matéria-prima de grande interesse dos mercados industriais altamente desenvolvidos, era agora dominada pelos plantadores da Ásia. Estes ofereciam em abundância um produto final livre de impurezas e com preços mais baixos.

O monopólio amazônico estava quebrado por plantações racionalizadas, que a partir de 1910 começou a provocar grandes dificuldades para as elites amazônicas, até então detentoras deste monopólio.

A crise afetou diretamente o mundo do trabalho na região, do trabalho relacionado a esta atividade econômica e suas respectivas ramificações. Em diferentes graus a crise afeta todos os setores envolvidos com a economia gumífera, do urbano ao rural. Em relação ao urbano, os setores mais atingidos foram o comércio, o poder público estadual e municipal, o setor imobiliário e a cidade, que teve seus problemas estruturais e sociais mais acentuados. Quanto ao rural, cabe lembrar a chegada na cidade de grandes contingentes de seringueiros depauperados, que a viam como único meio de sobrevivência.

Dentre as inúmeras consequências da crise, está a lenta perda do poder político das elites locais perante o governo federal. A borracha não era mais exclusividade da Amazônia e sem ter como barganhar, os clamores das elites solicitando ajuda não passavam de ecos na floresta, para os quais, a União mostrava-se indiferente. Praia (2010) afirma que a situação de instabilidade econômica fora prevista há tempos atrás. A preocupação da elite local, que no Amazonas comanda o processo produtivo, com a economia centralizada em um único produto extraído da floresta era visível nos discursos encontrados nos jornais e na Revista da ACA (Associação Comercial do Amazonas).

Durante o período de 1880 a 1910, o poder público não viabilizava a produção agrícola ou outras vias capazes de fornecerem ao Estado receita igualável a borracha, consistindo esta na única fonte de riqueza e dependente direta de sua exportação.

A elite local não fez nada que evitasse a queda econômica dos anos anteriores. Além disso é preciso mostrar que as estatísticas que registram a parcela da Amazônia tanto na receita nacional quanto no comércio exterior são em certos sentidos ilusórias.

Weinstein (1993, p. 259) afirma:

Afora sua contribuição ao Tesouro Nacional e à balança de pagamentos, o comércio da Amazônia tinha realmente pequeno impacto sobre os demais setores econômicos do país. Como fonte de capital, a elite da borracha desempenhava um papel desprezível, pois investia muito pouco de seus lucros fora da própria região. Como mercado a Amazônia tinha alguma importância, mas a grande maioria de seus gêneros alimentícios e produtos manufaturados era produzida localmente, ou adquirida no exterior e, de todo modo, sua população era demasiado pequena para que tivesse algum efeito sobre o consumo nacional. Finalmente, o produto do qual a Amazônia dependia para sua prosperidade tinha de ser vendido quase totalmente no exterior, uma vez que o setor industrial do Brasil, ainda engatinhando, necessitava de pouca borracha bruta. Assim, mesmo no auge da expansão da borracha, a Amazônia ocupava uma posição periférica na economia nacional.

No período, a cidade idealizada pelas elites locais, paulatinamente entrava em decadência e se confrontava com a cidade real e contraditória, esta sobrevivendo à crise e crescendo com chegada de um grande número de seringueiros pobres, que nela passou a habitar, dinamizando o mundo do trabalho que aos poucos se recuperava, principalmente aquele relacionado ao trabalho informal.

Enquanto os seringais ficavam despovoados em virtude da falta de trabalho e da escassez de gêneros alimentícios, devido à crise, as casas aviadoras que os abasteciam, ficaram impossibilitadas de realizar o sistema de aviamento.

Muitos seringueiros resolveram permanecer na cidade indo morar nos subúrbios e recomeçar uma nova vida, outros decidiram voltar para as suas cidades de onde saíram em busca de um sonho de fazer fortuna na Amazônia.

Vão-se os aventureiros e buscadores de fortuna fácil procurar novas oportunidades em outro lugar qualquer. Ficará a população miserável de trabalhadores que aí se reunia para servi-los, e que trará estampado no físico o sofrimento de algumas gerações aniquiladas pela agrura do meio natural; mais ainda, pelo desconforto de uma civilização de fachada que roçara apenas de leve as mais altas camadas de uma sociedade de aventureiros... (PRAIA, 2010, p. 25 apud; PRADO JUNIOR, 1994, p.240)

Portanto, com o declínio da economia gumífera que por um lado reduziu a pressão sobre as florestas e por outro isolou a região do contexto nacional e do capitalismo internacional, retornando a economia de subsistência, os produtos complementares a borracha passou a se constituir na base da economia regional, entre os anos de 1920 – 1940.

2. A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A PRODUÇÃO DE BORRACHA ASIÁTICA

A Segunda Guerra Mundial foi um conflito militar que durou entre 1939 – 1945, envolvendo a maioria das nações do mundo, incluindo todas as grandes potências organizadas em duas alianças miliares opostas: os aliados (Inglaterra, França, Estados Unidos e Rússia) e o eixo (Japão, Alemanha e Itália).

Com a Segunda Guerra Mundial em andamento na Europa e o ataque dos japoneses a base americana de Pearl Harbor no Havá em 1941, os Estados Unidos declaram guerra ao Japão e conseqüentemente aos países do eixo e o confronto se tornou mundial. Os Estados Unidos se torna aliado da Inglaterra, Rússia e França, a dominação bélica dos japoneses sobre as ilhas produtoras de borracha, nas ilhas da Malásia e a interrupção do fornecimento de borracha para os americanos, trouxe preocupações aos países aliados quanto ao abastecimento de borracha, um produto estratégico e indispensável para a produção dos produtos bélicos.

A entrada do Japão no conflito determinou o bloqueio definitivo dos produtores asiáticos de borracha, trazendo uma grande preocupação para os aliados, pois na visão deles só venceria a guerra os países que tivesse a maior quantidade de borracha, já que a goma elástica era usada na fabricação de pneus, componentes de aviões, tanques, armas, submarinos, entre outros produtos. Com o aumento da fabricação de armamentos e com o pacto assinado com outros Aliados, todos enfrentando séria crise da borracha, a situação agravou-se ainda mais, devido à redução nos estoques de borracha dos ingleses, canadenses, australianos, chegando a

atingir os russos que necessitavam urgentemente de borracha natural para fortalecer sua produção sintética, o problema se tornaria ainda mais crítico, pois os estoques de borracha, durariam até por um ano.

Diante da falta da matéria-prima, o governo atuante criou uma comissão chamada Baruck, para analisar a situação das necessidades das indústrias de guerra, o produto mais crítico e o problema mais urgente a ser resolvido era o reabastecimento da borracha. Poucas regiões produtoras de borracha ficaram de fora da ocupação do Japão, entre elas estavam a Índia, Ceilão, Libéria, África e América Latina, que juntas não somavam 200.000 toneladas. Logo, o objetivo era tentar a todo custo aumentar a produção.

Dessa forma o governo norte-americano procurou o governo brasileiro para garantir que suas necessidades de utilização da borracha fossem supridas, enquanto os seringais ingleses estivessem sob domínio do Eixo. Os dois governos assinaram vários acordos que ficaram conhecido como Acordos de Washington, acordos esses que previam financiamentos milionários nas áreas da produção de matérias que iriam servir a indústria bélica americana. Pelo acordo referente a borracha, o Brasil venderia a borracha excedente para a empresa Rubber Reserve Company e o país se comprometia a fazer tudo para aumentar a produção; venderia também produtos manufaturados feitos de borracha para os EUA, como pneus e câmaras de ar e para finalizar o Acordo definia que o contrato era por um prazo de cinco anos.

Após os acordos firmados, chega hora do Brasil colocar a mão na massa ou melhor na goma elástica, o primeiro passo seria de arregimentar mão de obra para produção gumífera nos seringais amazônicos/acreanos. Dessa vez o governo brasileiro era responsável pela mão-de-obra, diferentemente do Primeiro Ciclo, onde a iniciativa privada era responsável pela arregimentação. No contexto da Segunda Guerra, o governo conclamava todos os homens para auxiliarem na guerra, escolhendo entre ter que ir lutar na Europa ou deslocar-se para a Amazônia onde produziria a borracha. Mais uma vez, a grande leva de trabalhadores será de nordestinos, migrantes de vários estados, mas principalmente do Ceará.

Como sabemos a crise da borracha amazônica se deu no final do século XIX, que teve diversos e variados fatores que provocaram a crise, mas o primeiro e principal foi quando ingleses levaram sementes da *Hevea brasiliensis* para serem plantadas e cultivadas na Ásia. Lima (2013, p. 27) afirma:

Em 1876, o botânico inglês Henry Wickham, a serviço do império Britânico, teria colocado e selecionado cerca de 70.000 sementes da seringueira no vale

do Tapajós, Região do Baixo Amazonas, enviando-as no navio “Amazonas”, aos Jardins Botânicos de Kew, nos arredores de Londres.

A alta produtividade asiática de borracha no início do século XX é fruto responsável da abertura de grandes fazendas de seringueiras na Ásia, sendo responsável em grande medida pela falência da economia dominada pela borracha na Amazônia.

Segundo Klein (2014) as fazendas de criação de seringueiras demoraram perto de vinte anos para chegarem à maturidade, atingindo assim a partir de 1912 uma produção que completamente varreu a brasileira e entulhou os mercados internacionais de borrachas com toneladas e toneladas do produto.

Em apenas duas décadas as fazendas asiáticas de cultivo de seringueiras tinham superado a indústria extrativa da borracha brasileira, que era muito antiga e vinha funcionando desde os tempos coloniais.

Fundada na produção manufaturada, a partir das transformações do látex. Era uma indústria florescente, produzindo objetos de fama mundial, como sapatos e galochas, capas impermeáveis, molas e instrumentos cirúrgicos, destinados à exportação ou ao consumo interno. (KLEIN 2014, p. 189 apud SOUZA 2002, p. 31-32)

A capacidade produtiva de borracha instalada na Ásia era fruto de um processo de cultivo, no qual as seringueiras eram aclimatadas, plantadas em serie e explorados dia e noite. Oliveira Neto (2016) afirma que a crise se estabeleceu por alguns fatores: o início da produção de borracha no continente asiático, o modo primitivo da extração do látex amazônico, a exportação de borracha como única via para se obter arrecadação do Estado e a ausência de investimentos no extrativismo da borracha. Esses aspectos proporcionaram uma grande desvantagens e quando foi inserido o látex mais rentável e de maior oferta, provocando a desvalorização do produto regional.

Os ingleses responsáveis pela revolução da heveicultura não se descuidavam da pesquisa, tecnologia e ensino, levando a realização de grandes investimentos no cultivo da hevea. Esses investimentos tecnológicos trariam retorno a longo prazo nas melhorias dos seringais asiáticos, aumentando a produção a cada ano.

Houve muitas dificuldades encontradas, mas o resultado das plantações foi muito satisfatório e em poucos anos a Amazônia perderia espaço no mercado da borracha e conseqüentemente deixando de ser o maior produtor de látex mundial.

A economia amazônica por sua vez, foi arrasada pela concorrência do Ceilão e da Malásia. Os salários caíram junto com os preços a um quarto do seu nível durante o boom. Comerciantes, corretores e banqueiros desesperados

juntaram-se a seus seringueiros num êxodo da Região. (LIMA 2013, p. 34 apud DEAN 1989, p. 65)

Isso se deve além dos investimentos tecnológicos feitos pelos ingleses nas plantações de seringueiras, mas devido a expansão do cultivo da espécie fornecedora da melhor borracha que se deve a grande adaptação das seringueiras ao clima e ao solo asiático. Segundo Huber (2009) as chuvas e os ventos em algumas regiões possuíam características semelhantes muito próximas as do ambiente amazônico, onde a *Hevea brasiliensis* crescia espontaneamente.

Vale ressaltar que entre o final do século XIX e o início do XX, o extrativismo da borracha amazônica se caracterizava por um monopólio natural, livre de concorrência e era o maior fornecedor do látex. Obtinham um lucro maior pela ausência de concorrência, vendiam as mercadorias por um preço muito acima do mercado.

O fator que diferenciava as seringueiras da Ásia com as da Amazônia, era a aparência sadia das árvores orientais em comparação com as amazônicas. Huber (2009) afirma que é preciso convir que a aclimação desta árvore amazônica nas plantações do Oriente é perfeita: o crescimento é, em geral, muito rápido e as árvores tem, na maioria dos casos um aspecto muito sadio.

Alguns fatores que demonstram as diferenças na coleta da seiva no Amazonas com as plantações asiáticas: na Amazônia as seringueiras estavam espalhadas pela floresta, fazendo com que os seringueiros levassem horas para realizar o trabalho, causando pouca produtividade, além das técnicas primitivas na extração do látex e no continente asiático foram plantadas em aglomerados, assim facilitando a colheita e a perda de tempo em percorrer os seringais para sangrar e retirar o látex aumentando a produtividade.

Outros aspectos que merecem ser citados é em relação a mão-de-obra, as taxas e aos impostos cobrados sobre o produto e aos métodos utilizados na extração do látex, comparando com os procedimentos amazônicos. Huber (1912, p. 116) destaca:

No Oriente, onde a mão-de-obra é relativamente barata e onde se paga um imposto sobre o terreno, o rendimento por superfície de terreno tem uma grande importância, enquanto que aqui [na Amazônia], onde o terreno é relativamente abundante e barato, e a mão-de-obra muito cara, esse fator é subordinado em importância ao rendimento por trabalhador. Em consequência disso, devemos procurar de obter, nas nossas plantações, que as árvores plantadas não se esgotem antes do tempo, por uma sangria prematura e pouco remuneradora, e que pelo menos uma boa parte delas possam atingir grandes dimensões, único meio de assegurar uma exploração lucrativa, apesar do custo elevado da mão-de-obra.

A mão-de-obra no Oriente eram formadas pelos chamados coolies que eram explorados pelos ingleses e holandeses, que eram formados em grande maioria por chineses, javaneses e tamlis. Essa força de trabalho era dez vezes mais barata que a mão-de-obra na Amazônia, além de mais produtiva. Com o passar do tempo as vantagens da plantação asiática se tornaram evidentes, sendo assim:

Nos últimos quatro anos, grandes quantidades de sementes da *hevea* foram ali importadas, e desde esta época cerca de 60.000 acres de terreno têm sido plantados na ilha (Ceilão) e igual área nos Strats Settlements na proporção de 250 árvores por cada acre. As plantações têm sido feitas systematicamente e scientificamente, de sorte que, em algumas casos as árvores aos três anos já alcançam suficiente força de produção, e na generalidade aos seis anos, contra oito e dez em outras partes do mundo, sendo, portanto, quase toda a borracha aqui importada de Ceilão, o produto dessas árvores de precoce madureza, por isso que poucas há com idade superior a quatro anos. Para que se tenha idéa da energia com que está sendo dirigida esta industria, basta mencionar que, neste anno, cerca de quatro milhões de sementes foram vendidas a 1d. cada uma e todas plantadas, e provavelmente, es te algarismo representa sómente a metade das plantações feitas em Ceilão, no decorrer do anno. Está calculando que neste anno mais 100.000 acres de terra serão aproveitados para o cultivo da borracha nessa ilha e igual área nos Straits Settlements, o que dá um total de 320.00 acres nas duas colonias, representando, na proporção de 250 árvores por acre, oitenta milhões de árvores actualmente em cultivo: assim é que, sem contar com maior incremento no plantio, estas duas colônias inglezas, dentro de poucos annos, estarão em posição de supprir os mercados com a melhor borracha até agora conhecida. Estes factos trazem a precisa clareza, para aquilatarmos o seu alcance e prevermos suas consequencias. Entendo, pois, ser um dever dos poderes publicos despertar e impulsionar a iniciativa particular e, para isso, penso que a organização de concursos agricolas, promovidos pelo governo, concedendo premios a quem maior aprefeiçoamento der á cultura da *hevea* e aos meios de coagulação, produzirá optimos resultados. E' mister tambem, como corollario, a criação de campos de experimentação onde se pratique a selecção e o estudo systematico do melhor modo de extrahir o *latex*. Adoptando-se processos chimicos de coagulação e prensamento.

Os mercados mundiais transferiram sua preferência para o látex do Oriente, enquanto a Amazônia ficava sem compradores, assistindo a cotação do preço cair vertiginosamente. Com isso a região se transformou em um imenso território empobrecido, abandonado e dependente de políticas públicas estaduais e federais. De acordo com Weinstein (1993) dada a natureza limitada dos recursos do governo do estado, era lógico que os políticos e comerciantes cômnicos da ameaça representada pelas plantações asiáticas buscassem uma solução regional, e até mesmo nacional, para o dilema amazômico.

3. A REATIVAÇÃO DOS SERINGAIS DA DÉCADA DE 1940.

Após a crise da Borracha no início do século XX, em decorrência da produção gumífera no Oriente, sobretudo na Malásia, os seringalistas amazômicos, bem como a população

brasileira, não acreditavam em uma nova procura de borracha nacional em larga escala. Mas, a Segunda Guerra Mundial fez a borracha amazônica ressurgir no cenário econômico brasileiro, fazendo da Amazônia a maior produtora de látex novamente.

Quando estourou a Segunda Guerra Mundial na Europa, após a invasão da Polônia pela Alemanha em setembro de 1939, iniciando um efeito dominó da entrada de vários países na guerra, ficando inicialmente dois blocos de países, Aliados, formado por Inglaterra e França e Eixo, formado por Alemanha, Itália e Japão, neste período o Brasil vivia politicamente o Estado Novo (1937 – 1945), regime ditatorial sob a liderança de Getúlio Vargas, através do Golpe do Plano Cohen.

A guerra trouxe uma maior dependência dos países europeus, principalmente a Inglaterra de matérias primas que existem em grande quantidade nos países da América, que era liderado pelos Estados Unidos. O governo brasileiro tentou se manter neutro durante a guerra, pelos acordos que tinha com os Estados Unidos e Alemanha, antes mesmo do início da Segunda Guerra Mundial. Mas a neutralidade do Brasil na guerra chega ao fim quando os japoneses atacam a base naval americana de Pearl Harbor, no Havaí. Verônica Secreto (2007, p. 123) afirma:

“O bombardeio japonês a Pearl Harbor, em dezembro de 1941, pôs fim à ambiguidade da política externa do governo de Getúlio Vargas e, de alguma forma, condicionou a política interna a respeito da Amazônia. O ingresso dos Estados Unidos na guerra exigiu uma posição clara das nações americanas. O domínio japonês de largos trechos do continente asiático e das ilhas do Pacífico cortou o fornecimento de borracha ao bloco Aliado e, com isso, foi necessário definir a política econômica dos países do continente que fossem capazes de abastecer as nações aliadas com matérias-primas”.

Em decorrência da ocupação japonesa nos seringais da Malásia, os países aliados, impossibilitados de se abastecerem dessa matéria-prima no Oriente, voltam-se para a Amazônia, vendo nela a solução da crise, tendo em vista que a região constituía-se ainda no maior reservatório de seringueiras nativas, podendo, desta forma, mediante o fomento da produção, ressurgir como fonte abastecedora.

A dominação dos seringais na Malásia pelos japoneses, trouxe preocupações aos países aliados quanto ao abastecimento da borracha, já que era um produto estratégico e indispensável a guerra.

Com a tragédia de Pearl Harbour e a conseqüente extensão do conflito no Pacífico e no Índico, uma das conseqüências mais devastadoras para os Aliados, em especial para os EUA, foi a perda dos ricos seringais de plantio da Malásia, Borneo etc., responsáveis pelo suprimento da quase totalidade da goma elástica nos mercados ocidentais. Já no início de 1942 os japoneses

tinham se apoderado de 97% das zonas produtivas da borracha, pondo em sério risco o esforço de guerra dos Aliados. (PONTES 2015 apud MARTINELLO 1985)

Com o esforço de guerra dos países aliados, sobretudo dos Estados Unidos necessitava cada vez mais de imensas quantidades de borracha, que era utilizada na fabricação de diversas coisas, como pneus para automóveis e amortecedores de recuo de canhões. A situação dos aliados era desesperadora que em 1941 houve um racionamento na venda e na fabricação de produtos de borracha em todo território americano.

Poucos dias depois do bombardeio da “Pearl Harbour”, pelos japoneses, proibia-se nos Estados Unidos a venda de borracha. A produção e a venda de automóveis e caminhões. Foi, também, paralisada, ao mesmo tempo em que, se interditava a fabricação de objetos, que empregassem goma elástica, com exceção de um pequeno número de produtos. (LIMA 2013, p. 45 apud CORRÊA 1967, p. 21-22)

A borracha natural antes da guerra já era essencial tanto para a indústria quanto para a vida moderna, torna-se neste instante crucial para a preparação e para a implementação da guerra. Os aliados (Inglaterra, França, Estados Unidos e Rússia), ficaram preocupados com a possibilidade de acabarem os estoques, pois para eles venceria a guerra aquele que tivesse a maior quantidade de borracha. Já que a goma elástica era usada na fabricação de pneus, tanques, armas, submarinos e etc.

Com o aumento da fabricação de armamentos e com o pacto assinado com outros Aliados, todos enfrentando séria crise da borracha, a situação agravou-se ainda mais. Com os britânicos reduzidos a 100.000 toneladas de estoques, os canadenses com suas 500.000 toneladas, os australianos com 20.000 toneladas e até os russos necessitando urgentemente de estoques de borracha natural para fortalecer sua produção sintética, o problema se tornava ainda mais crítico, pois tais estoques poderiam perdurar por um ano, no máximo. (PONTES 2015 apud MARTINELLO 1985)

A falta de borracha durante a Segunda Guerra Mundial era uma situação que preocupava bastante o presidente dos Estados Unidos, sendo assim nomeou uma comissão especial denominada Baruck, para avaliar as necessidades mais urgentes na indústria da guerra, chegando à conclusão que o reabastecimento da borracha era o produto mais crítico e mais urgente a ser resolvido. Nesse momento o governo norte-americano estava envolvido em solucionar a escassez de borracha que era essencial na fabricação de material bélico. Portanto:

Percebe-se a importância da borracha como elemento estratégico: (...) de todos os materiais críticos, a borracha é aquela que apresenta a maior ameaça à segurança de nossa nação e ao êxito da causa Aliada. A produção de aço, do cobre, do alumínio, das ligas ou da gasolina de aviação pode ser inadequado para conduzir a guerra tão rápida e eficiente como desejaríamos, mas ao menos estamos certos de suficiente abastecimento desses produtos para operar nossas forças armadas em poderosíssima escala. Se, porém falharmos na

consecução rápida de um novo e volumoso suprimento de borracha, haverá colapso de nosso esforço de guerra e da nossa economia interna. Assim sendo, a situação da borracha constitui o mais crítico dos nossos problemas. Consideramos a situação presente tão perigosa, que, se não tomarmos medidas corretivas imediatas, este país entrará em colapso civil e militar. A crueza dos fatos é de advertência que não pode ser ignorada. Se não forem assegurados a tempo novos suprimentos (naturais ou artificiais), as exigências totais militares e de exportação. (PONTES 2015 apud SILVA 2005)

Em março de 1942 o governo estadunidense firma acordos com o governo brasileiro, que ficaram conhecidos como Acordos de Washington, cujo objetivo principal era o fornecimento de borracha para as indústrias do EUA, na fabricação de materiais bélicos.

As atenções do governo americano se voltaram imediatamente para a Amazônia brasileira que voltou a se tornar uma das principais fontes de borracha natural para o esforço de guerra dos aliados. Segundo Lima (2013, p. 48):

Por volta do início dos anos de 1940 o Governo Brasileiro, por intermédio do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, avaliava que a Amazônia possuía cerca de 300 milhões de seringueiras, com uma capacidade estimada de produção de 800 mil toneladas de borracha por ano, sem contar a produção marginal oriunda de outras fontes de látex como o caucho, a balata e a maniçoba.

As principais dificuldades para a extração da goma elástica era a distância de uma árvore para outra, falta de transporte adequados para a região, os problemas burocráticos e principalmente na escassez de mão-de-obra. Nas seringueiras nativas é de se observar que em cerca de 1 hectare de floresta tropical amazônica poderiam ser encontradas entre 1 a 3 árvores, sendo que nas plantações do oriente neste mesmo espaço poderiam estar plantadas cerca de 200 plantas. Também soma a dificuldade do deslocamento em meio a floresta fechada, onde existia o risco do enfrentamento com animais selvagens e peçonhentos, além dos conflitos entre os seringueiros com os indígenas, esses fatos limitavam a produção do látex.

Para produzir a quantidade suficiente de borracha para os Aliados, seriam necessários pelo menos 100.000 seringueiros em plena produção para que se alcançasse a quantia de 50.000 toneladas anuais. Lima (2013, p. 50) afirma que:

No início dos anos de 1940, portanto, após as debandadas dos seringais com o fim do período de ouro da exploração do látex de seringa, restavam na Amazônia algo em torno de 30 a 35 mil seringueiros, que combinavam suas atividades de extração de látex com outras atividades extrativistas com a caça, a pesca e a agricultura de subsistência.

Para alcançar esse objetivo, iniciaram-se intensas negociações entre as autoridades brasileiras e americanas que culminaram com a assinatura dos Acordos de Washington. A partir

dos acordos firmados, ficou estabelecidos que o governo americano passaria a investir no financiamento da produção de borracha amazônica.

Em contrapartida, caberia ao governo brasileiro o encaminhamento de trabalhadores para os seringais. A migração de trabalhadores nordestinos para a Amazônia durante o Estado Novo (1937-1945), quando se promoveu a “Batalha da Borracha”. Organizada como uma campanha nacional, ela foi o resultado de uma série de acordos firmados com os Estados Unidos (os Acordos de Washington) que objetivavam aumentar a produção de matérias-primas estratégicas para o esforço de guerra.

A assinatura dos Acordos de Washington desencadeou uma propaganda maciça em torno da migração para a Amazônia e da produção da borracha. Os migrantes que se engajaram na campanha ficaram conhecidos como “soldados da borracha” e ganharam status de combatentes de guerra. A política de migração dos nordestinos para a Amazônia foi uma estratégia política para aliviar as tensões sociais no campo, simplesmente deslocando o problema para outro lugar, onde os conflitos poderiam facilmente ser abafados. Para o governo brasileiro era a oportunidade para suavizar alguns dos mais graves problemas sociais brasileiros, a seca e a falta de mão-de-obra para os seringais. Segundo Guillen (1997, p. 96):

Os incentivos para a migração começaram já em 1940, anteriores, portanto, aos Acordos de Washington, na forma de distribuição de passagens gratuitas para quem se dispusesse a migrar para a Amazônia. Ao mesmo tempo, resolvia-se em parte, e de forma bastante tradicional, o problema da seca que novamente grassava pelo sertão do Nordeste. Por outro lado, supria-se de mão-de-obra barata um setor da economia que estava em crise.

Durante o Estado Novo o governo brasileiro lançou o programa chamado Marcha para o Oeste, o intuito de Vargas era ocupar os “espaços vazios” do território nacional, resgatando o espírito bandeirante e desbravador dos brasileiros, nos mais isolados locais do Brasil, como as fronteiras e a Amazônia. Maria Verônica Secreto (2007, p. 120) afirma que:

A “Marcha” e o seu complemento de ocupação da região amazônica tinham como objetivo a colonização, a fixação da família sertaneja nos territórios interiores. Num discurso pronunciado em Belém, em 1933, Vargas afirmava que o desafio maior para a Amazônia era transformar a exploração nômade em sedentária, e para isso era necessário povoá-la, colonizá-la, fixar o homem à terra.

Vargas retornou a fazer o discurso novamente em Manaus no dia 10 de novembro em 1940 no festejado discurso do Rio Amazonas no salão do Ideal Club:

Vulgarizou-se a noção, hoje desautorizada de que as terras equatoriais são impróprias à civilização. (...) Nada nos deterá nesta arrancada que é, própria do século vinte, a mais alta tarefa do Homem Civilizado: – Conquistar e dominar os vales das grandes torrentes equatoriais, transformando a sua força

cega e a sua fertilidade em energia disciplinada... (LIMA 2013, p. 57 apud VARGAS 1943, p. 1)

Segundo Lima (2013), o Discurso do Rio Amazonas, pronunciado por Getúlio Vargas, marcou para o Estado Novo e os seus representantes na Amazônia, uma inflexão nas políticas do poder central em relação ao vale amazônico. Através de seus discursos Vargas buscava reafirmar a necessidade da Amazônia ser ocupada por um povo que em outras épocas demonstraram capacidade e patriotismo para conquistar e anexar grandes extensões de terra ao corpo da pátria. Por isso em seu discurso Vargas afirma:

O nordestino, com o seu instinto de pioneiro, embrenhou-se pela floresta, abrindo trilhas de penetração e talhando a seringueira silvestre para deslocar-se logo, segundo as exigências da própria atividade nômade. E ao seu lado, em contacto apenas superficial com esse gênero de vida, permaneceram os naturais à margem dos rios, com a sua atividade limitada à caça, à pesca e à lavoura de vazante, para consumo doméstico. Já não podem constituir, por si sós, esses homens de resistência indobrável e de indomável coragem, como nos tempos heróicos da nossa integração territorial, sob o comando de Plácido de Castro e a proteção diplomática de Rio Branco, os elementos capitais do progresso da terra, numa hora em que o esforço humano, para ser socialmente útil, precisa concentrar-se técnica e disciplinadamente. O nomadismo do seringueiro e a instabilidade econômica dos povoadores ribeirinhos devem dar lugar a núcleos de cultura agrária, onde o colono nacional, recebendo gratuitamente a terra desbravada, saneada e loteada, se fixe e estabeleça a família com saúde e conforto. (LIMA 2013, p. 59 apud VARGAS 1943, p.6)

Com a implantação da “Batalha da Borracha”, após os Acordos de Washington, o governo federal teve uma participação ativa nas propagandas para a arregimentação dos soldados da borracha para trabalharem nos seringais. Em uma mensagem presidencial de 20/05/1943, Getúlio Vargas conclamava a presença de brasileiros para trabalhar nos seringais amazônicos, palavras de Vargas para os soldados da borracha:

Seringueiros: Dediquei todas as energias à batalha da borracha. Precisamos de mais borracha, pois é sobre ela que se encontra a guerra moderna, pois são grandes os equipamentos que necessitam da goma elástica, produzidos sem repouso, colhendo o látex abundante das seringueiras do Vale Amazônico. Nas guerras modernas não fazem parte somente os soldados que estão nos campos de batalha, mas, toda a nação: homens e mulheres, velhos e crianças. A vós desbravadores da Amazônia sois os mais importantes soldados. Unidos veremos sibilhar a bandeira do Brasil. (NASCIMENTO apud Jornal O Acre n. 742 de 20.05.43- Rio Branco-Acre.)

Órgãos foram criados com o intuito de dirigir os trabalhadores até os seringais, como o Departamento Nacional de Imigração (DNI) e o Rubber Development Corporation (RDC), que conduziu principalmente famílias inteiras. A falta de experiência desses órgãos fez com que muitos trabalhadores nem chegassem aos seringais, ficando em cidades, onde realizavam outras atividades, como serviços gerais, pedreiros, domésticas entre outros.

Os trabalhadores recrutados pelo Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) e Comissão Administrativa do Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia (CAETA), ficaram conhecidos como “Soldados da Borracha”, apenas homens solteiros foram selecionados, muitos desses foram influenciados pelas propagandas em cadeias públicas, que mostravam o enriquecimento fácil e rápido.

O SEMTA chegou a distribuir cartazes onde o látex era armazenado em grandes tambores e transportado em carros que circulavam em excelentes estradas, como se fossem seringais da Amazônia, mas na verdade eram imagens de seringais malasianos. Outra forma de enganar os futuros “soldados da borracha” era as promessas do termo de compromisso com o trabalhador e o contrato de trabalho com o seringalista, onde o seringueiro teria diversos direitos, como: indenização para a família, assistência médica, salário sobre produção da borracha, entre outros. Na prática essas promessas nunca se concretizaram. O SEMTA, distribuiu folhetos e cartazes com propagandas como esta:

O Brasil insultado na sua honra e compreendendo o dever de lutar pela liberdade do mundo, na guerra de vida ou morte que ora se trava (...). É a nossa própria dignidade que está em jogo (...). Mas não só pelas armas podemos e devemos concorrer para o triunfo completo da liberdade humana (...). Assim, tanto é soldado o que se alista no quartel, como o que se oferece para trabalhar nos seringais da Amazônia: um é o soldado da caverna, o aviador, o marinheiro; o outro é Soldado da Borracha, herói da Amazônia. Ambos estão em igualdade de condições perante a Pátria... (NASCIMENTO apud FERREIRA, 1991:02)

Os soldados da Borracha, chamados de “arigós”, em referência a uma ave nordestina que voa de um canto para outro em busca de alimento, vieram para a Amazônia em busca mais uma vez do El Dourado, de fortuna, riqueza, melhores condições de vida. A propaganda oficial foi uma das estratégias fundamentais empregadas para incentivar a campanha nacional de borracha, além do rádio, dos jornais a imagem foi largamente utilizada para reforçar e agilizar o recrutamento de jovens para essa operação.

Com o término da Segunda Guerra Mundial em 1945 e a retomada dos seringais no Oriente pelas forças Aliadas, o desinteresse pela borracha e o fim dos acordos com o Brasil era esperado os cancelamentos dos acordos. Após o fim dos Acordos de Washington a produção dos seringais malasianos foi retomada. Portanto como os EUA deixaram de comprar a produção de borracha do Brasil e o mercado interno só tinha condições de comprar 50% do total produzido, o boom gumífero entrou em um novo colapso, representando a crise do Segundo Ciclo da Borracha.

CAPITULO 2 - NOS SERINGAIS O ESFORÇO DE GUERRA

1. A ESTRUTURA MONTADA PARA A REATIVAÇÃO DOS SERINGAIS

Com a Segunda Guerra Mundial em andamento na Europa e em 1942, quando os japoneses dominaram a Ásia, até então a maior produtora mundial de borracha, os EUA se depararam com um grande problema a falta do látex para a produção de materiais bélicos. Os americanos decidiram financiar a reativação dos seringais brasileiros, em decadência desde o final do século XIX.

O ataque japonês à base de Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, mudou os rumos da guerra, provocando a entrada dos Estados Unidos no conflito e o fim da neutralidade brasileira. No campo da Diplomacia, levou à convocação da Terceira Conferência de Chanceleres Americanos no Rio de Janeiro, entre 15 e 28 de janeiro de 1942. A política norte-americana era de que o envolvimento direto com a guerra cabia apenas a eles, e que os demais países, se envolveriam apenas no fornecimento de matérias-primas e na manutenção da ordem interna.

Durante a Segunda Guerra Mundial o Brasil estava sob a liderança de Getúlio Vargas no Estado Novo (1937 – 1945), que promoveu a Batalha da Borracha, onde houve uma enorme migração de trabalhadores nordestinos (sobretudo do Ceará) para a Amazônia.

Conforme Nilda Oliveira (2003) em fevereiro de 1942 o governo brasileiro enviou uma Missão aos Estados Unidos a fim de negociar, com as autoridades norte-americanas, as bases para fornecimento das matérias-primas necessárias ao esforço de guerra, que os EUA necessitavam com tanta urgência e, por outro lado, a redução dos prazos para o fornecimento da usina siderúrgica, e das encomendas de material bélico ao Brasil.

No dia 3 de março de 1942, os ministros do Brasil (Souza Costa) e dos Estados Unidos (Summer Welles), assinaram vários acordos e convênios que ficaram conhecidos como Acordos de Washington. Os acordos previam financiamentos milionários no valor de US\$ 100.000.000 através do Banco de Importação e Exportação de Washington, para o desenvolvimento nas áreas da produção de materiais estratégicos e matérias-primas que serviriam a indústria bélica americana. As negociações dessa Missão resultaram em uma série de Acordos, que ficaram conhecidos como “Acordos de Washington”:

Foram 28 os acordos internacionais celebrados, sendo 14 sobre borracha, e os outros 14 sobre aniagem, arroz, babaçu, cacau, café, castanha, cristal de rocha, ipecacuanha, linters de algodão, mamona, mica, minério de ferro, pirêtro e timbó. (OLIVEIRA, 2003, p. 3 apud FONSECA, 1950, p. 151)

Os Acordos de Washington, tinha o objetivo de intensificar a produção de borracha, a ponto de suprir a necessidade bélica dos aliados, comprometida com o domínio do Japão sobre as regiões produtoras na Malásia. Pensava-se poder incrementar a produção para chegar a 100.000 toneladas, pretensão que logo se percebeu impossível de ser concretizada, devido principalmente ao pouco interesse dos seringalistas em abrir mão do controle sobre o sistema extrativista.

Os recursos financiados pelos Estados Unidos, visavam principalmente aumentar a produção de forma extensiva, reincorporando os seringais abandonados desde o final do boom da borracha. Para tanto seria necessário aumentar a mão-de-obra, via migração. Com isso o governo brasileiro passou a investir nas propagandas de arregimentação de trabalhadores para virem para a Amazônia trabalharem nos seringais, na “Batalha da Borracha”, como soldados da borracha.

Nos Acordos de Washington ficaram estabelecidos os seguintes compromissos do governo brasileiro, referente a borracha, Maria Nascimento (1998, p. 3 – 4) afirma que:

- I- O Brasil concordava em vender a *Rubber Reserve Company* toda a borracha excedente às necessidades do consumo interno;
- II- O preço teto fixado para a borracha era de 39 contos por libra para a qualidade fino-lavada (borracha de melhor qualidade, sem impurezas);
- III- A *Rubber Reserve Company* concedia um prêmio de 2,5 contos, por libra-peso, para toda a borracha exportada que excedesse a 5.000 toneladas; ultrapassando este limite, o prêmio seria elevado para 5 contos por libra-peso;
- IV- O produto destes prêmios seria aplicado, conjuntamente com o crédito de cinco milhões de dólares concedido ao Brasil, no imediato desenvolvimento da produção, considerando-se não somente a melhoria de sua qualidade, como as condições gerais da região e do trabalhador, através de um plano de sistematização;
- V- O Brasil tudo faria para aumentar a produção e, tendo em vista as necessidades dos Estados Unidos, venderia também a produção de borracha manufaturada excedente ao consumo interno;
- VI- O Brasil designaria uma única agência de compra e venda para adquirir no interior e colocar no exterior e nas fábricas nacionais toda a produção de borracha;
- VII- Os Acordos tinham a duração de cinco anos, com direito a reajustamento periódico de preços durante os três últimos anos, levando-se em consideração as circunstâncias que, porventura, viessem a afetar o custo da produção.

Segundo Carlos Pontes (2015) os Estados Unidos investiram cerca de 300 milhões de dólares na produção gumífera amazônica. Os dois governos envolvidos estabeleceram seus representantes na execução dos acordos. O governo de Getúlio Vargas criou a Comissão de Controle dos Acordos de Washington (CCAW), ligada diretamente ao Ministério da Fazenda.

O governo norte-americano criou a Rubber Reserve Company (RRC), que mais tarde seria substituída pela Rubber Development Corporation (RDC), que criariam condições alimentares e sanitárias para a entrada dos trabalhadores na Amazônia.

O governo brasileiro criou vários órgãos e instituições que seriam encarregados por financiar, recrutar, alojar, transportar, da assistência médica e sanitária e alimentação para os soldados da borracha. Dentre os órgãos criados, Oliveira (2003, p. 5) destaca:

O Departamento Nacional de Imigração (DNI), o Serviço de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) e a Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia (CAETA), a Superintendência do Abastecimento do Vale Amazônico (SAVA), o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), o Serviço de Navegação e Administração dos Portos do Pará (SNAPP), e, para o financiamento, foi criado o Banco de Crédito da Borracha (BCB).

Com a criação da “Batalha da Borracha”, após os Acordos de Washington, em 30 de novembro de 1942 é criado o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA), cujo o objetivo principal era:

Intensificar imediatamente, o povoamento da Amazônia, visando permitir o incremento da produção de borracha. Esse Serviço nasce com a determinação expressa de organizar um sistema de recrutamento que mereça a confiança dos trabalhadores, protegendo-os e assistindo-os convenientemente durante a viagem (para Amazônia) e dando às suas famílias assistência médica e econômica. (LIMA 2013, p. 73 apud PORTARIA nº 28, de 30 de novembro de 1942)

Segundo Lima (2013) de imediato é reforçado a campanha de arregimentação dos soldados da borracha, sendo que o DNI perde o direito de conduzir famílias para que se fixem na Amazônia, passando assim a obrigação ao SEMTA e a SAVA, sob o argumento da falta de tempo, a preferência eram homens solteiros, muitos foram influenciados pelas propagandas que mostravam o enriquecimento fácil e rápido.

O Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA), depois substituído pela Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para Amazônia (CAETA), cujo objetivo era recrutar, encaminhar e colocar trabalhadores nos seringais, transportando-os até Belém. Os órgãos foram divididos e cada um tinha a sua função e que eram importante para a produção da borracha:

O SEMTA encarregava-se de recrutar e levar os trabalhadores até Belém; a partir dali, a SAVA colocava o trabalhador nos seringais e se encarregava, com a RDC, de fornecer gêneros essenciais diretamente aos seringalistas, evitando intermediários. (...). Também foi criado o SESP (Serviço Especial de Saúde Pública), que tinha por objetivo sanear a Amazônia e a região do vale do Rio Doce, onde se produzia borracha e minério de ferro, matérias primas

essenciais para o esforço de guerra norte americano. (LIMA 2013, p. 74 apud SECRETO 2007, p. 58 – 56)

Mesmo com a extinção do SEMTA em 1943 e a criação do CAETA não houve mudanças significativas para os Soldados da Borracha, já que os métodos de arregimentação continuavam sendo os mesmos, a única diferença que o CAETA procurava diminuir os conflitos e a fuga dos recrutados, permitindo também a possibilidade do transporte das famílias dos trabalhadores.

Durante a maior parte de sua história a região amazônica nunca foi contemplada com políticas públicas que privilegiassem a saúde da população, mas com a urgência em produzir grandes quantidades de borracha, as doenças eram apontadas como fator principal na redução da capacidade de produção dos seringueiros e no desestímulo de migrações para a Amazônia.

Para combater as doenças o governo brasileiro criou o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), que era encarregado de prestar assistência médica e sanitária aos "soldados da borracha" no combate de várias doenças, mas não atendeu o esperado da campanha, pois faltavam assistência médica e medicamentos, exemplo disso era a falta de atebrina pra combater a malária, doença que se alastrava pela região, provocando várias mortes ou incapacitando o trabalhador. Medicamentos que eram para ser distribuídos gratuitamente, como a atebrina no combate à malária, eram descaradamente vendidos pelos seringalistas.

Segundo Lima (2013) as agências governamentais até buscavam evitar tais condutas, ameaçando de severas penas aqueles que comercializassem os remédios, mas muitas das vezes não obtinham sucesso na empreitada.

O serviço Especial de Saúde Pública distribui gratuitamente comprimidos de atebrina facilmente identificáveis por um W (...) Aquele que for denunciado por estar vendendo a atebrina que é dada gratuitamente, será processado, dentro das disposições legais, pelas competentes autoridades. (LIMA 2013 p. 96 apud O ACRE. Rio Branco, 04 de Julho de 1943)

Devido a venda muitos soldados da borracha evitavam tomar o medicamento para não aumentar suas dívidas com o barracão, mesmo que a decisão colocassem em risco suas vidas e incapacitando de trabalhar.

O governo brasileiro criou também a Superintendência para o Abastecimento do Vale Amazônico (SAVA), através do Decreto-lei nº5.044, de 04 de dezembro de 1942, com a finalidade de abastecer com gêneros alimentícios o Vale Amazônico, e ainda coordenar as medidas a serem tomadas com os Estados da região visando o abastecimento e incremento da

produção de alimentos, providenciando a aquisição das mercadorias, dentro e fora do país, e seu transporte para a Amazônia, formando estoques.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o governo brasileiro sob a liderança de Getúlio Vargas fundou o Banco de Crédito da Borracha (BCB), que era encarregado de realizar operação de crédito, fomentar a produção, financiar a empresa extrativista, bem como exercer o monopólio final da compra e venda da borracha, tanto interna como externa, criado através do Decreto-lei nº4.841, de 17 de outubro de 1942.

O Banco de Crédito da Borracha, se encarregava de intermediar a mão-de-obra, para impedir que seringalista trouxessem mão-de-obra para a região como no primeiro período da exploração da borracha. Portanto, na época jornais recomendavam que a mão-de-obra deveria ser solicitada pelo:

Cabe o Banco da Borracha o selecionamento do pessoal destinado aos seringais – (...) Visa esta providencia organizar um corpo de trabalhadores selecionados e eficientes para os seringais, evitando-se que esse centros produtores de borracha recebam um pessoal estropiado e inadequado aos fins que se tem em mira (...). (LIMA 2013, p. 91 apud O ACRE, nº 676. Rio Branco, 19 Jan 1943)

O Departamento Nacional de Imigração (DNI) tinha como finalidade recrutar e encaminhar trabalhadores para a Amazônia, como também fiscalizar outros órgãos envolvidos na mobilização; Comissão de Controle dos Acordos de Washington (CCAW), coordenando e auxiliando as atividades de grupos brasileiros e estadunidenses que atuavam na operacionalização da "batalha da borracha", criada através do Decreto lei nº4.523, de 25 de julho de 1942.

2. O COTIDIANO DA BATALHA NOS SERINGAIS: OS SOLDADOS DA BORRACHA.

Quando a Segunda Guerra Mundial chegou ao Pacífico, o Japão que é inimigo dos Estados Unidos, bloqueou os produtores asiáticos de borracha a fornecerem matéria-prima aos aliados. O governo norte-americano temendo pela falta de látex, afinal a borracha era utilizada em quase todos os armamentos bélicos. Com isso o governo estadunidense procurou o governo brasileiro para garantir que suas necessidades de utilização da borracha fossem supridas, enquanto os seringais malasianos estivessem sob o domínio do Japão.

Com a carência de borracha para as grandes demandas de uma guerra, os Estados Unidos dentre outras medidas, resolveram investir na reativação do extrativismo gomífero na

Amazônia, região que no século XIX, já deteve o monopólio mundial na produção de borracha, mas que foi superada pelas plantações asiáticas no início do século XX.

Após a assinatura dos Acordos de Washington, o governo brasileiro criou uma campanha de recrutamento que tomou conta principalmente do Nordeste brasileiro. Com o financiamento norte-americano para reerguer a produção amazônica, tornou-se necessário promover um novo fluxo de mão de obra para os seringais.

Para promover a campanha de arregimentação de trabalhadores para os seringais amazônicos, o governo brasileiro criou o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA), que reunia as funções de mobilizar e selecionar trabalhadores, bem como de encaminhá-los até Belém, de onde seguiriam para os interiores da selva sob o comando de outro organismo estatal, a Superintendência de Abastecimento do Vale Amazônico (SAVA).

A meta do governo brasileiro por intermédio do SEMTA era transportar para a Amazônia, 50.000 trabalhadores em 5 meses, além de conseguir prêmios, concedidos pelo governo norte-americano a cada 5.000 toneladas de borracha produzida.

Os cartazes produzidos pelo suíço Chabloz para o SEMTA, serviu para promover a imagem da instituição aos olhos da opinião pública em Fortaleza, a finalidade era clara e imediata da peça de propaganda em questão, assim como os demais cartazes produzidos na campanha era o aliciamento de mão de obra. Segundo Ana Carolina Moraes (2012, p. 155) os cartazes das propagandas de arregimentação tinham o intuito de:

Mostrar ao migrante em potencial as facilidades que encontraria em seu trabalho: todos os seringueiros trabalhando em conjunto, em árvores bem próximas umas às outras, imersos em um ambiente de terras férteis e fartas. Sem dúvida, uma visão idealizada, tanto do local de trabalho quanto do trabalho em si.

Para Frederico Alexandre de Oliveira Lima (2013) a Amazônia era considerada como despovoada ou precariamente povoada por seres humanos que se encontravam em um estado assemelhado ao da selvageria, sendo ainda caracterizados por um marasmo imenso que os impediam de alcançar padrões societários e civilizatórios mais elevados sem o apoio externo.

O caboclo, fruto da miscigenação do branco com o índio, era visto como um ser preguiçoso e abobalhado, sendo incapaz de proporcionar o desenvolvimento e o progresso da região amazônica. Por isso a necessidade de trazer pessoas de outras regiões, sobretudo do Nordeste.

O juízo dominante, emitido a cada passo, sobre as qualidades morais e físicas dos mestiços da Amazônia, englobados, indiferentemente, sob a designação

de caboclo e tapuios, é que eles são, em sua totalidade, fracos, indolentes, broncos e alcoólatras. (LIMA 2013, p. 56 apud LADISLAU 2008, p. 79)

O preconceito contra o nativo amazônico ou mestiço não era novo, os seringalistas alegavam que os nordestinos tinham capacidade maior de trabalho em relação ao índio ou ao caboclo, mas principalmente pela maior possibilidade de obter lucro com eles. Portanto a explicação dos seringalistas pela preferência dos nordestino é:

Uma explicação para preferência dos patrões pelos seringueiros nordestinos, é que estes, além de produzirem muito mais borracha por se dedicarem naquele primeiro momento, exclusivamente ao corte da seringa, ainda consumiam toda a subsistência em forma de mercadorias que comprava dos patrões. O patrão ganhava na compra e na venda da borracha, na renda cobrada pelas estradas de seringa e ainda nas mercadorias que vendia aos seringueiros. Os índios, entretanto, jamais abandonavam seus roçados, a caça, a pesca como atividades de subsistência, precisando assim de muito menos mercadorias, e produzindo menos borracha por dedicarem tempo a essas atividades essenciais para manutenção das famílias. (LIMA 2013, p. 97 apud WOLFF 1999, p. 180-181)

Conforme Sidney Barata Aguiar (2012) os imigrantes nordestinos foram trazidos pelo fragor publicitário da “Batalha da Borracha” e, mais uma vez, iludidos pelas promessas institucionais. Em 1939 o Estado Varguista, através do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) fornecia o Cinejornal Brasileiro para todos os cinemas, que tinha um caráter extremamente ufanista e exaltava os feitos do governo instituído.

Os trabalhadores recrutados na campanha da “Batalha da Borracha”, para trabalharem nos seringais da Amazônia ficariam conhecidos como “Soldados da Borracha”. Mais uma vez os nordestinos seriam encarregados de trabalharem nos seringais, agora em nome de um esforço de guerra, incentivado pelo poder público federal, sob a campanha de arregimentação. A campanha de imigração teve duas vertentes, uma nacional e a outra local:

Na dimensão nacional, a batalha pela borracha se encaixava no programa de ocupação e colonização dos “espaços vazios” e nos esforços de guerra do Brasil. Na esfera local, a emigração de nordestinos para a Amazônia era uma questão que contava com uma longa tradição e alguns debates. Um dos destinos mais procurados pelos nordestinos nas conjunturas de seca, e não apenas nelas, era o Norte, especialmente os estados do Pará e do Amazonas. A propaganda para recrutar trabalhadores explorou alguns elementos do imaginário, dos desejos e das emoções, por meio de símbolos e de um discurso direto e apelativo. (AGUIAR 2012, p. 29 apud SECRETO 2007 p. 125)

A seca de 1941-1942 também colaborou para empurrar centenas de flagelados para as capitais nordestinas, principalmente para a cidade de Fortaleza no Ceará, criando uma situação propícia para a possibilidade de mudança de Estado em busca de melhorias de vida. Frederico Alexandre de Oliveira Lima (2013, p. 69 - 70) afirma que:

Não só a seca, e a fome influíram nessa decisão. É preciso lembrar ainda o autoritarismo dos chefes políticos nordestinos - os “coronéis” -, e até mesmo o fim dos grupos de cangaceiros, como fatores que também influenciaram a decisão de abandonar o semiárido nordestino em direção a úmida floresta tropical.

De acordo com Guillen (1997) os nordestinos que migrassem para a Amazônia seriam os “soldados do trabalho”, contribuindo para a conquista e ocupação de uma grande região esquecida pelos poderes públicos, incorporando - a definitivamente ao corpo da Nação. Os “soldados do trabalho” seriam, assim, os novos bandeirantes.

A razão da fome, da seca, do sofrimento cede lugar à dimensão mítica de uma participação que se toma impositiva, em face do curso de uma tradição que converte a migração e a conquista numa obrigação patriótica a ser sempre repostas. [...] Da seca à conquista, o discurso esvazia o primeiro pólo, pelo qual deveria dar conta de suas responsabilidades e acentua o outro, o da participação obrigatória, miticamente formulada, a impulsionar o trabalhador, somente pelo trabalho, a tomar o seu lugar, intocável, de edificar do corpo do país. (GUILLEN 1997, p. 97 apud LENHARO, 1985, p. 98).

A propaganda do Estado Novo, organizava um discurso em que o migrante estaria protegido pela ação governamental. Mais do que migrantes, seriam soldados na batalha da produção. E além de soldados, teriam a chance de refazer suas vidas numa região para a qual se previa um futuro promissor. Segundo Guillen (1997, p. 98):

A propaganda elaborada para a Batalha da Borracha é vista aqui como uma estratégia de controle social que, ao se utilizar dos meios de comunicação de massa, buscava estabelecer mecanismos de persuasão no sentido de garantir a adesão coletiva ao regime. No caso específico da “Batalha da Borracha”, a migração para a Amazônia foi apresentada como uma ação patriótica, equiparando-se com os pracinhas da FEB, já que, para os soldados da borracha, tratava-se de ganhar a “batalha da produção.

Segundo Maria das Graças Nascimento (1998) através das propagandas, foi possível mobilizar centenas de pessoas, formando um verdadeiro exército de extratores, como se fossem realmente soldados indo para os campos de batalha em defesa da pátria, procedendo se o alistamento e até a concessão de uniformes para aqueles que seriam os soldados que lutariam nas selvas da Amazônia. Assim então denominados “Soldados da Borracha” foi o nome dado aos brasileiros que se alistaram entre os anos de 1943-1945 para virem para a Amazônia pra trabalharem tirando borracha nos seringais. Lima (2013, p. 77) afirma que:

Com o surgimento do SEMTA e o financiamento norte-americano, montaram-se pousos para os homens – com constrangedora estrutura estética de um campo de concentração – e, onde eram feitos exames médicos e sanitários, e onde também recebiam materiais de viagem, apoio espiritual fornecido pela igreja católica, treinamento físico e iniciavam os treinamentos para o corte da seringueira.



Figura 1 - Acervo: Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará

Para os trabalhadores a vida nos pousos era difícil, tanto pela falta de liberdade de locomoção que em muitos casos resultava em fuga, quanto pelas regras rígidas impostas aos que estavam instalados nos pousos e o fornecimento da alimentação. Conforme Sidney Barata Aguiar (2012, p. 41) os trabalhadores resistiam as refeições servidas nos pousos.

Apesar da iniciativa de diversificar o cardápio destes migrantes para combater a má alimentação e um grande número de enfermidades que acometiam estes homens, mulheres e crianças, houve uma grande resistência ao consumo de legumes e verduras, já que o hábito de preferir comer charque e farinha estava bastante arraigado e isto explicava a oposição de cunho alimentar.

Os pousos eram parecidos com os campos de concentração, não possuíam muros, mas tinham cercas que eram vigiadas por guardas armados nas áreas externas e na área interna por guardas desarmados recrutados entre os próprios “Soldados da Borracha”.



Figura 2 - Acervo: Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará

Nordestinos nos pousos esperando para onde eles iriam, chegando a demorar meses para serem enviados aos seringais onde trabalhariam na extração do látex.

Segundo Frederico Lima (2013) os trabalhadores nos pousos, além de fazerem os exercícios calistênicos semelhantes aos executados pelos militares, os Soldados da Borracha, também iniciavam seus treinamentos para o plantio de seringueira e principalmente para o corte da Hevea, na defumação do látex e na construção do tapiri (instalação onde ficaria instalado o defumador).



Figura 3 - Acervo: Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará

Soldados da Borracha em treinamento para a Batalha da Borracha na Amazônia. No fundo da imagem ficam os pousos onde abrigavam milhares de nordestinos, onde se podem ver as redes onde dormiam. O treinamento era necessário para que os soldados pudessem aguentar a produção do látex anual.



Figura 4 - Jean Pierre Chabloz – Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará

A figura acima mostra o equipamento de viagem fornecido pelo SEMTA, após a arregimentação. O trabalhador recrutado recebia um enxoval composto por uma calça de mescla azul, uma blusa de morim branco, um chapéu de palha, um par de alparcatas de rabicho, uma caneca, um prato fundo, um talher que era colher e garfo, uma rede e um saco de estopa.

O desenho corresponde a cláusula do contrato de encaminhamento. As cláusulas gerais do Contrato padrão de trabalho nos seringais também mereceram o desenho de Chabloz. Segundo Maria Verônica Secreto (2007) estas ilustrações serviam para tornar conhecido o conteúdo do contrato numa sociedade em que grande parte da população era analfabeta.

Os nordestinos optavam pela Amazônia, alistando-se no exército da borracha, pois acreditavam que correriam menos riscos de vida e ainda contavam com a possibilidade de enriquecimento, produzindo borracha no esforço de guerra para os aliados, para então retornarem a sua terra vitoriosos.

Entre ser soldado na guerra ou soldado na Amazônia, os homens do Nordeste embarcaram na necessidade e na ilusão, no rumo de cá. Nasceu a história séria, cresceu a paixão constante, além do que num momento pode ser dito. Soldado da borracha é valor e respeito, acima de bandeiras e de guerras. Deixados à margem, quando queriam tão pouco, eles venceram febres e saudades, enfiaram sofrimentos, deram vida ao isolamento. Bichos soltos e ilusões domadas. Do sertão, da caatinga, para a floresta cheia de árvores e emoldurada de águas. Muito regatão em cada porto-solidão, sem notícias dos canhões ou

da família, enquanto a conta da borracha nunca fechava. Isso abriu horizontes, fez crescerem vidas. (PONTES 2015 apud FONTES 2012)



Figura 5 - Acervo: Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará

A figura acima mostra um perfil de um Soldado da Borracha, com o seu chapéu virado, sua mochila nas costas onde guardava e carregava o machadinho para abrir os cortes nas seringueiras por onde escorria o látex.

Os Soldados da Borracha tinham que fazer exercício físicos nos pousos sem equipamentos ou pesos, com o objetivo de aumentar a força e a flexibilidade usando o peso do próprio corpo como resistência. Além disso os seringalistas preferiam cearenses porque tinham a fama de trabalhador e ser magro, se fosse gordo não aguentaria o trabalho. Isso era que alguns seringueiros lembram:

Os patrões preferiam os cearenses porque tinham fama de trabalhadores, os paraibanos tinham fama de valente, os baianos preguiçosos, os pernambucanos de cangaceiros e por isso viravam capangas. Ainda tinha os cariocas que eram malandros. O homem tinha que ser magro e ter canela fina para andar muito. Se fosse gordo não queriam por que não ia aguentar a lida no seringal. (LIMA 2013, p. 90 apud MELQUISEDEC, depoimento concedido em 16 de janeiro de 2012)

Enquanto os pracinhas da FEB estavam na frente de batalha na Europa, os Soldados da Borracha estavam na frente de batalha na Amazônia e fazendo seus exercícios de guerra que era a extração do látex, pois saiam pela madrugada para percorrer a estrada, o nome dado a um

grupo de 100 a 200 seringueiras que um homem cortava. Cada estrada era percorrida duas vezes ao dia: na ida, o seringueiro abria cortes na árvore e colocava o recipiente em que cairia o látex, na volta, recolhia o produto depositado nestes recipientes.

Conforme Lima (2013) a guerra trouxe uma pequena evolução tecnológica, que visava preservar a seringueira, a troca do machadinho de extração, na qual a utilização resultava em feridas graves na seringueira, pela faca jebong ou malaia que fazia cortes mais preciso e que machucava menos a árvore.

O processo de extração do látex é um esforço de guerra, pois as seringueiras eram distantes uma das outras, dificultando o percurso e o trabalho dos Soldados da Borracha, levando assim a exaustão dos trabalhadores no fim do dia, que ainda tinham que defumar a borracha, quando chegavam nas barracas.

3. E ENCERRA-SE A BATALHA DA BORRACHA.

Com o fim do conflito armado mundial e a assinatura do armistício entre americanos e japoneses em 1945 foi gradativo e inevitável o enfraquecimento até a total extinção dos “Acordos de Washington”. Com a vitória dos países aliados veio a recuperação e o domínio das áreas coloniais do Sudeste Asiático. E esta região prontamente retorna ao posto de grande produtora mundial de borracha.

A Rússia depois de adentrar as portas de Berlim na Alemanha também investe pesado na recuperação de sua indústria e a borracha sintética tem um papel imensurável para a reconstrução de sua economia.

Com o fim da Guerra e a retomada das zonas produtoras de borracha aos japoneses, os norte-americanos perderam o interesse na Amazônia e em sua produção de borracha, desaparecendo de uma hora pra outra deixando tudo para trás, parecendo:

Revoada de jacus, feita na maior pressa e desordem. Tratores foram abandonados em plena floresta, barcos foram deixados incompletos nos estaleiros, os aeroportos operados por pessoal americano ficaram, de um dia para o outro, à mercê de inexperientes e atônitos funcionários brasileiros, estruturas para construção se viram abandonadas nas barrancas dos rios etc. (LIMA 2013, p. 110 apud MARTINELLO 1985, p. 320)

Segundo Lima (2013) para os seringueiros o fim da guerra não trouxe mudanças efetivas nos seringais, persistindo o modo de vida e preocupação que imperava naquelas regiões desde meados do século XIX e que foram com maior ou menor intensidade, reproduzidos durante a Batalha da Borracha.

Os Acordos de Washington estabeleciam que os preços mínimos e as condições de produção e obtenção da borracha seriam mantidos até Junho de 1947, isto pode ter contribuído para que a atividade nos seringais não fosse alterada mesmo com o fim da guerra em agosto de 1945.

Frederico Alexandre de Oliveira Lima (2013, p. 116) afirma que:

A vida nos seringais não mudou de forma imediata, é certo que uma coisa mudou quase que imediatamente: a esperança e o sentimento de heroísmo, ou pelo menos de dever cumprido, e a certeza de que a pátria reconhecera aqueles que, durante o esforço de guerra aliado, permaneceram embrenhados nas selvas, extraindo o látex indispensável ao funcionamento da máquina militar norte-americana.

Depois que os países aliados retomaram o controle dos seringais do Sudeste Asiático, reduziu-se considerável e progressivamente o interesse pelo produto amazônico. A economia entrou novamente em declínio, gerando instabilidade e receios de uma crise de grandes proporções.

O fim da retirada dos americanos da Amazônia completar-se-ia oficialmente em Junho de 1946, quando foram fechados os escritórios da RDC em Manaus e no Rio de Janeiro, tendo como derradeiro ato o fechamento do principal escritório desta agência em Belém, em setembro deste mesmo ano, quando expiraram os Acordos de Washington. No entanto, o pior golpe que seria assentado contra os interesses da borracha e no âmbito de quem alimentava esperanças de melhores dias para a Amazônia, não foi a já esperada retirada dos americanos do front da batalha da borracha, e, sim a decisão de Henry Ford fazendo cessão, por 5.000.000 de cruzeiros, das grandes concessões de Fordelândia e Belterra onde, às margens do Tapajós, no Pará, plantara vários seringais, instalara modelar hospital, moderna serraria e dotara a propriedade de todos os requisitos de saneamento e habitação. (PONTES 2015 apud MARTINELLO 1985)

Com o término do combate na Europa, os migrantes doentes, desamparados e incrédulos de um futuro melhor nos seringais acabavam seguindo o destino das cidades de Belém, Porto Velho, Rio Branco e Manaus como alternativa de salvação, de sobrevivência e, como consequência, “muitos se marginalizavam logo, outros desafogavam o desespero no crime, na valentia e na cachaça; as crônicas policiais da época registravam essas ocorrências nos jornais da cidade”.

Conforme Lima (2013) era explícito o sentimento de abandono e mesmo de malogro, em alguns casos, porém, esse sentimento gerado pelo fim da guerra e pelo não cumprimento por parte do Governo Brasileiro, das promessas feitas quando da arregimentação, não retirou desses homens o desejo de lutar por seus direitos.

Durante a campanha para a arregimentação, o trabalhador vinha para a Amazônia com promessas de tratamentos diferente dos tempos do primeiro “boom” da exploração do látex. O governo criou vários órgãos que eram encarregados de encaminhar trabalhadores para a Amazônia e se comprometiam em oferecer assistência médica, transporte, alimento, hospedagem até a sua ida para os seringais.

O governo chamou para si por intermédio de seus órgãos competentes, D.N.I., S.E.M.T.A., mais tarde C.A.E.T.A., S.A.V.A., etc., o controle da política de recrutamento, hospedagem, distribuição, alimentação e transporte destas massas humanas em movimentação. (LIMA 2013, p. 121 apud BENCHIMOL 1992, p. 16)

O governo brasileiro prometia aos seringueiros que não os desampararia à própria sorte nas mãos dos seringueiros, estabeleceriam regras mínimas a serem observadas no contrato de trabalho, assim coibindo abusos cometidos no primeiro ciclo da borracha. Frederico Lima (2013, p. 121) verificou que:

Os contratos jamais foram cumpridos nos termos das previsões contida na legislação da época. Os seringalistas, em alguns casos, continuaram a tratar os Soldados da Borracha como se escravos fossem e a Justiça do Trabalho e o Governo Brasileiro jamais se interessaram efetivamente pela causa dos seringueiros.

Ao fim da guerra, os Soldados da Borracha que não haviam morrido e que permaneceram presos nos seringais por dívidas ou ainda que não tiveram condições de retornar para as suas terras de origem, foram deixados à própria sorte. Terminado o conflito mundial, Da Cunha (2018, p. 91) afirma que:

Inúmeros desafios estavam por vir: denúncias de maus tratos sofridos pelos soldados da borracha, ameaças dos capangas a serviço dos seringalistas, o abuso dos preços nos barracões, o desaparecimento de inúmeros desses soldados, enfim, uma série de questões levantadas, porém não resolvidas.

Vale ressaltar que houve tratamento diferenciado dado pelo governo brasileiro aos sujeitos envolvidos no esforço de guerra. Os pracinhas ou ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira (FEB), tiveram, a partir das leis criadas e promulgadas em 1950, assistência do Estado, como: financiamento para adquirir e construir a casa própria, doação de terreno para a construção do imóvel, preferência em concursos públicos e matrículas em escola que se estendiam aos seus filhos.

O legislador constituinte de 1988 resolveu tratar das duas matérias, pracinhas e Soldados da Borracha, em artigos subsequentes da Constituição, em um claro reconhecimento da dívida

do Estado Brasileiro com os soldados arregimentados no período da guerra. O art. 53 dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias, que trata dos ex-combatentes, previa:

Art. 53. Ao ex-combatentes que tenha efetivamente participado de operações bélicas durante a Segunda Guerra Mundial, nos termos da lei nº 5.315, de 12 de setembro de 1967, serão assegurados os seguintes direitos:

I – aproveitamento no serviço público, sem a exigência de concurso, com estabilidade;

II – pensão especial correspondente à deixada por segundo-tenente das Forças Armadas, que poderá ser requisitada a qualquer tempo, sendo inacumulável com quaisquer rendimentos recebidos dos cofres públicos, exceto os benefícios previdenciários, ressalvado o direito de opção;

III – em caso de morte, pensão à viúva ou companheira ou dependente, de forma proporcional, de valor igual à do inciso anterior;

IV – assistência médica, hospitalar e educacional gratuita, extensiva aos dependentes;

V – aposentadoria com proventos integrais aos vinte e cinco anos de serviço efetivo, em qualquer regime jurídico;

VI – prioridade na aquisição da casa própria, para os que não a possuam ou para suas viúvas ou companheiras.

Parágrafo único. A concessão da pensão especial do inciso II substitui, para todos os efeitos legais, qualquer outra pensão já concedida ao ex-combatente.

Por muito tempo os ex-combatentes receberam diversos benefícios estatais em reconhecimento por seus esforços, enquanto os seringueiros perdidos em meio as florestas foram esquecidos sem a concessão de nenhum benefício.

Observa-se, o tratamento diferenciado dado aos cidadãos que optaram em ir para o front de guerra da Europa ou para o front da Batalha da Borracha. Foi concedido aos Soldados da Borracha, com muitas limitações uma aposentadoria pelo Fundo de Assistência e Previdência do Trabalhador Rural (FUNRURAL), no valor de meio salário mínimo, sem o acréscimo de qualquer outro benefício. É importante destacar a desigualdade de valores destinados a esses soldados. Da Cunha (2018, p. 92) afirma que:

Houve uma classificação entre as funções mais importantes e as menos importantes, e coubesse ao pracinha a função de maior importância e de destaque, apesar de que, se compararmos os números de mortos, a mortandade foi muito maior entre os soldados da borracha: dos cerca de 25 mil soldados da FEB, menos de 500 morreram, enquanto que dos cerca de 50 mil que foram encaminhados para a região amazônica na condição de soldados da borracha, aproximadamente 23 mil perderam suas vidas.

As cidades e capitais amazônicas foram obrigadas a absorver o contingente de migrantes retornados dos seringais, que não conseguiram retornar ao nordeste ou de nativos que

resolveram não permanecer devido a condições econômicas ou sanitárias. Os Soldados da Borracha ocuparam, por vezes, espaços que antes pertenciam a população mais rica e impuseram ali sua presença, fazendo valer seu viver na cidade que em muitos momentos lhe foram negados e combatido sua existência.

As pessoas que permaneceram nos seringais, continuaram a cortar seringa e com a diminuição da produção de borracha, passaram a viver da agricultura, da coleta de produtos florestais e depois de expulsos dos seringais, no fim dos anos 1970 foram mendigar nas cidades, realizando trabalhos domésticos e simples como vendedores ambulantes. Lima (2013, p. 129) afirma:

Que esse processo resulta em nova mudança na condição social desses indivíduos, já que de pobres extratores de látex no seio da floresta, transformaram-se em miseráveis moradores da periferia das cidades amazônicas, sem qualquer auxílio para o trabalho ou para a construção da casa própria.

A Constituição Federal de 1998, através do seu artigo 54 concede a todos os ex-Soldados da Borracha uma pensão mensal vitalícia de dois salários mínimos, para que esses possam ter uma velhice com um mínimo de dignidade.

O artigo reconhece a luta e a importância do esforço desses homens no auxílio dado ao Brasil e aos aliados no andamento da guerra. O artigo 54 dos referidos Atos Transitórios, que trata dos seringueiros arregimentados para o esforço bélico no curso da Segunda Guerra Mundial, os Soldados da Borracha, receberam do legislador constituinte, pela primeira vez desde o fim do conflito mundial, os seguintes direitos:

Art. 54. Os seringueiros recrutados nos termos do Decreto-Lei nº 5.813, de 14 de setembro de 1943, e amparados pelo Decreto-Lei nº 9.882, de 16 de setembro de 1946, receberão, quando carentes, pensão mensal vitalícia no valor de dois salários mínimos.

§ 1º - O benefício é estendido aos seringueiros que, atendendo a apelo do Governo brasileiro, contribuíram para o esforço de guerra, trabalhando na produção de borracha, na Região Amazônica, durante a Segunda Guerra Mundial.

§ 2º - Os benefícios estabelecidos neste artigo são transferíveis aos dependentes reconhecidamente carentes.

§ 3º - A concessão do benefício far-se-à conforme lei a ser proposta pelo Poder Executivo dentro de cento e cinquenta dias da promulgação da Constituição.

Fica evidente que o termo Soldado da Borracha, não aparece em momento algum no texto legal, além da desigualdade dos benefícios. A batalha iniciada pelos Soldados da Borracha ainda está longe de terminar, apesar da grande maioria já terem falecidos, essa luta não é apenas

por melhorias de seus benefícios e sim por melhores condições de vida, por justiça e por reconhecimento de seus esforços no front da guerra na Amazônia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos no decorrer do trabalho, falar da Amazônia sem citar o período da borracha é impossível, já que a produção da borracha foi de fundamental importância para a região amazônica, através da exploração do látex da seringueira, pôde alavancar a economia das cidades da Região Norte, além das transformações culturais, sociais, arquitetônicas que contribuiu para um grande impulso no crescimento das cidades na Amazônia.

Quando a Alemanha em 1939 ataca a Polônia e conseqüentemente a guerra explode na Europa e com o ataque japonês à base naval americana de Pearl Harbor, no Haváí em 07 de setembro de 1941, além disso o Japão toma posse dos seringais na Ásia. Os Estados Unidos entra no conflito mundial, diante deste fato o governo brasileiro se vê em escolher um lado na guerra, já que o país tinha negócios tanto com os norte-americanos quanto com os alemães. Os Estados Unidos fazia pressão para Vargas unir-se a guerra e combater os países inimigos, em 22 de agosto de 1942 é firmados os Acordos de Washington, esses acordos previa que os americanos comprariam toda a produção do látex produzido na Amazônia, além disso os Estados Unidos financiaria a construção da usina siderúrgica de Volta Redonda.

O governo brasileiro, depois de assinar os acordos com o Estados Unidos, iniciou um verdadeiro aparato de guerra criando vários órgãos e instituições para fornecer mão-de-obra necessária para a indústria bélica americana, para suprir essa carência, foi tramada uma rede de interesses econômicos, políticos e ideológicos, tecida pelo capital norte-americano consorciado ao governo brasileiro. Durante a Segunda Guerra Mundial, o governo promoveu várias campanhas para a arregimentação de pessoas para virem pro front da Batalha da Borracha nos seringais da Amazônia, com a promessa de tratamento diferente das da época do primeiro boom da borracha, através das propagandas de arregimentação e também pela grande seca no Nordeste, cerca de 50 mil nordestinos, sobretudo cearenses vieram para a Amazônia trabalhar nos seringais.

Após o término da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos recuperaram o controle dos seringais na Malásia, provocando a diminuição da compra do látex da borracha da Amazônia, acarretando mais na frente o abandono dos seringais da Amazônia e conseqüentemente os Soldados da Borracha ficaram deixados à própria sorte, os que não conseguiram retornar as suas terras natais, continuaram a cortar seringa.

Vale ressaltar que os Soldados da Borracha são poucos referenciados, até mesmo no âmbito do ensino escolar de História. Seus sujeitos e atores principais nunca são lembrados e quando o são, recorrentemente são confundidos como meros seringueiros.

Como foi citado no texto acima que houve um tratamento diferenciado dado pelo governo brasileiro aos pracinhas e ex-combatentes que receberam benefícios por seus esforços de guerra, enquanto os seringueiros perdidos em meio as florestas foram esquecidos sem a concessão de nenhum benefício. Os pracinhas que lutaram no front de guerra na Europa voltaram como heróis e receberam reconhecimento, já os Soldados da Borracha não tiveram reconhecimento por todos os seus esforços de guerra no front da Batalha da Borracha na Amazônia.

Portanto a luta desses homens por reconhecimento e por direitos, está longe de ganhar o reconhecimento devido por todos os esforços feitos nos seringais da Amazônia na extração do látex para abastecer as indústrias bélicas americanas, não temo em afirmar que sem os Soldados da Borracha os países aliados não teriam vencido a guerra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂNDIDO, Antonio. **“O Significado de Raízes do Brasil”**. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª Ed. São Paulo: Cia das Letras, 1997, p. XI-XXII.

DA CUNHA, Tuylla Rayane Tavares. **Guerra, Sertão e Memória: os pracinhas sertanejos e os Soldados da Borracha na Segunda Guerra Mundial**. 2018. 98 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialista em História dos Sertões) – Departamento em História, UFRN, Caicó, 2018.

DE MATOS CASTRO, Anna Raquel; SANJAD, Nelson; DOS SANTOS ROMEIRO, Doralice. **Da pátria da seringueira à borracha de plantação: Jacques Huber e seus estudos sobre a cultura das heveas no Oriente (1911-1912)** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, vol. 4, núm. 3, septiembre-diciembre, 2009, p. 503-545

DIAS, Edinea Mascarenhas. **A ilusão do fausto: Manaus, 1890-1920**. 2ª edição. Manaus: Editora Valer, 2007.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **A batalha da borracha: propaganda política e migração nordestina para a Amazônia durante o Estado Novo**. Fundação Joaquim Nabuco. Revista de Sociologia e Política – nº 9, 1997.

KLEIN, Daniel da Silva. **A crise da borracha: a cadeia de aviamento em questão entre o Pará e o Acre no início do século XX**. História, História. Brasília, v. 2, n. 4, p. 187-199, 2014.

LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. **Soldados da Borracha: das vivências do passado às lutas contemporâneas**. 2013. 160 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, UFAM, Manaus, 2013.

LOUREIRO, Antonio José Souto. **Síntese da História do Amazonas**. Manaus: Imprensa Oficial, 1978.

NASCIMENTO, Maria das Graças. **Migrações nordestinas para a Amazônia**. In: Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente. Dez., nº 12, vol. II, 1998.

OLIVEIRA NETO, Thiago; NOGUEIRA, Ricardo Jose Batista. **A cidade de Manaus e a crise da borracha: uma breve análise histórica**. Estação Científica (UNIFAP), Macapá, v. 6, n. 3, p. 09-27, set./dez. 2016.

- OLIVEIRA, Nilda Nazaré Pereira. **A Borracha da Amazônia, os Acordos de Washington e a Política Externa brasileira**. Instituto Tecnológico de Aeronáutica (Depto. de Humanidades). ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.
- PONTES, Carlos José de Farias. **A guerra no inferno verde: segundo ciclo da borracha, o front da Amazônia e os Soldados da Borracha**. SOUTH AMERICAN Journal of Basic Education, Technical and Technological. ISSN: 2446-4821. Vol. 2 N. 1 p. 56-67, 2015.
- PRAIA, Benta Litaiff. **A crise da economia gumífera e o mundo do trabalho em Manaus (1910-1930)**. 2010. 204 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, UFAM, Manaus, 2010.
- SECRETO, Maria Verônica. **A Ocupação dos “Espaços Vazios” no Governo Vargas: do “Discurso do Rio Amazonas” à saga dos soldados da borracha**. Estudos históricos, nº 40, julho-dezembro de 2007, p. 115-135.
- TELES, Luciano Everton Costa. **A implantação da ordem republicana burguesa na Manaus da borracha e o processo de legitimação da luta no jornal Vida Operária**. Fronteiras: Revista Catarinense de História [on-line], Florianópolis, n. 19, p. 29-52, 2011.
- WEINSTEIN, Bárbara. **A Borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec, 1993.